

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

00885-A DISCRIMINACAO RACIAL DO NEGRO EM

Autor: MOREIRA, CARLOS CEZAR

Trad.: \\\

Edit.: UFU
UBERLANDIA

MG

5.3.70

U N I V E R S I D A D E = F E D E R A L = D E = U B E R L A N D I A

C A R L O S = C E Z A R = M O R E I R A

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1.128

Data 26/02/92

"A Discriminação Racial do Negro em Uberlândia "

Monografia apresentada como conclusão
Da Disciplina História do Brasil VII '
sob a orientação do Profº Antônio. -
Curso de História.

Uberlândia-MG., Janeiro de 1.990

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	02
CAPITULO I	
- A Escravidão e seus Aspectos Ideológicos.....	08
CAPITULO II	
-Uberlândia,A Cidade Vencedora.....	26
CAPITULO III	
- O Branco Vê o Negro e o Negro Relata a sua Experiência.....	50
CONCLUSÃO.....	80
BIBLIOGRAFIA.....	82

"Que somos nós NEGROS
Negro cor do asfalto
Negro cor do carvão
Negro cor da noite
Negro lindo
Negro belo
Negro puro, autêntico
Negro que eu sei amar
Negro que eu sei admirar
Exatamente por ser negro
De cabelo carapina
Dos lábios quentes e grossos
Do nariz achatado
Com os seus pés
De pele tão escura quanto a noite
Mas para mim negro
Você é a mais nobre criatura." (*)

(*) MALAQUIAS, Terezinha. Busca Constante. 2 ed. São Paulo, Edição da Autora, 1985.

- INTRODUÇÃO

No ano de 1988, o Brasil comemorou o primeiro centenário da Abolição da Escravatura. Durante a vigência desta instituição, imperava a relação de dominação e exploração entre homens, expressa na ideologia do racismo, que forneceu as bases das práticas de dominação dos trabalhadores mesmo após a abolição. Esta abolição marcou o começo de um novo tempo: o negro vai se transformar em classe social marginalizada, possuidora apenas de sua força de trabalho.

Esta ideologia racista serviu para excluir os negros do mercado de trabalho, pois os considerava incapazes para o trabalho livre. Sabemos que ela ainda perdura atualmente sob a forma de preconceito contra os trabalhadores negros.

Devemos voltar nossa atenção para as idéias que circulam, hoje, em nossa sociedade em relação ao negro. Várias foram concebidas há séculos e ainda estão circulando entre as pessoas. Podemos afirmar que elas se originaram na escravidão.

Tais idéias expressam a discriminação tida pela sociedade quanto ao negro. Uma sociedade que é de classe e de ideologia dominante branca. Sociedade de estética e comportamentos brancos, que tem exigências e expectativas brancas. Há toda uma ideologia permeando o social, com valores de ascensão social, de padrões de beleza impostos pelos meios de comunicação que vendem a imagem do belo expresso no "branco" e também produtos embelezados.

Nesta ideologia se encontra o negro conquistando valores e status brancos, tomando o branco como modelo de identificação, como possibilidade de sucesso. Surgiu no pós-independência e no pós-abolição, a teoria do "branqueamento", defendida por intelectuais da elite brasileira, segundo a qual, a população negra acabaria sendo absorvida pela branca, a miscigenação racial causaria isso. O negro veio historicamente convivendo com a situação de ser dócil e útil ao branco. O cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram os "serviços do branco", ser bem tratado era ser tratado co

mo branco.

O negro incorpora a ideologia de que é inferior. Ele, bem como os demais indivíduos que vivem em nosso país, está em uma sociedade onde é clara a separação entre o trabalho material e o trabalho intelectual, ou seja, separação entre trabalhadores e pensadores. Enquanto essa separação existir, enquanto o trabalhador for aquele que não "pensa" ou que "não sabe pensar" e o pensador for aquele que não trabalha, a ideologia continuará existindo e tendo sua função.

O nosso trabalho caminhará dentro desta perspectiva ideológica que acima de tudo coloca o negro sempre em posição inferior, é ele sempre o incompetente, o incapaz de pensar, apenas de trabalhar e ser mal remunerado.

Diante dessa situação, partimos para uma investigação sobre a discriminação racial sofrida pelo negro em Uberlândia. Ao lado do interesse histórico em detectar a discriminação no passado da cidade, mesclava-se o interesse emocional em nossas investigações.

Ficou muito registrado em nossas mentes, o amigo negro de nossa infância, que morava nos arredores da cidade de Patrocínio, que estava sempre junto conosco em nossas brincadeiras de crianças, mas, produzia-nos uma dúvida indecifrável dentro de nossa ingenuidade pueril: por que um menino daquela idade, sempre nos aparecia com a pele colorada de uma tonalidade estranha, artificial e sem vida? E principalmente absurda?

Em nossas lembranças, ao seu lado, sempre volta a presença de sua mãe, sempre com tantos motivos para se lamentar da sorte de mulher de zelador de chácara. Ela que apontava para a pele e chorava: "o meu pecado foi ter nascido negra". Crescemos e ainda hoje, é com muita melancolia que ela diz, olhando para as crianças brancas: puxa, eu jamais poderia ter feito algo tão belo assim.

Diante da rejeição do negro quanto à sua raça, torna-se importante analisarmos as razões que o levaram a viver esse processo, bem como verificar a discriminação sofrida por ele em nossa cidade.

Julgamos que o trabalho se justifica em função da necessidade de questionarmos certas idéias que aí estão quanto ao negro, pois a classe dominante cria as suas verdades que são impostas de cima para baixo, embora não sejam verdades coisa alguma. Através delas fala-se: para ser prefeito de Uberlândia, deve-se ter experiência administrativa como a "experiência" de Virgílio Galassi; para governar o país deve-se ter um diploma superior

nas mãos para saber pelo menos conversar com estrangeiros, o trabalhador não possui esses atributos. Através da atuação dessa ideologia, nas eleições passadas pudemos notar que o pobre não vota no pobre, o operário não vota no operário. Também pode-se dizer que o negro não votaria no negro. Chega-se ao cúmulo do negro acreditar que a sua raça é desordeira, cachaceira, sem crédito e desmerecedora de confiança. Enfim, um marginalizado. Diz-se que o negro tem alma branca, como se o negro fosse uma ferida moral, o branco, a perfeição.

Partimos da idéia de que a discriminação do negro em Uberlândia é uma prática concreta e cotidiana, levando em consideração: 1º) O preconceito que envolve a raça negra no Brasil tem sua origem na época da escravidão, ao longo do tempo, foi passando de geração para geração, fazendo com que o racismo se tornasse parte integrante das raízes culturais do país. Até hoje existem estereótipos ligados à raça negra, tais como aptidão apenas para os trabalhos físicos, cabendo aos indivíduos brancos os papéis de direção e comando ligados diretamente às atividades intelectuais; 2º) O negro incorpora a ideologia de que é inferior. A humilhação sofrida pelo sujeito negro ao passar pela discriminação de que o seu corpo é objeto, não lhe dá treguas, a imagem de seu corpo o leva, ou a se resignar a ser inferior, ou a partir para a conscientização de que precisa assumir a sua negritude; 3º) A sociedade uberlandense discrimina o negro, apesar de sua afirmação de que isto não acontece; 4º) Se o negro não faz parte de reportagens em revistas e jornais envolvendo uma valorização sua, por outro lado, faz parte de reportagens onde nos mostram aqueles lugares onde ele se encontra: empregos de baixa renda, trabalhando para o progresso da Metrópole Progressista de Uberlândia, ou em favelas.

No início da pesquisa, sentimos a dificuldade em promover entrevistas com pessoas negras no sistema de escolha aleatória, pois estas entrevistas poderiam causar atritos com estas pessoas. Mas, chegamos à conclusão que antes disso, elas poderiam na verdade, propiciar a discussão entre nós, da problemática do negro. Quem sabe, o sujeito negro, dentro dos moldes da sociedade capitalista, nunca tivesse questionado o seu posicionamento na sociedade e a nossa entrevista não o lançaria à uma reflexão?

Desde já, começamos a entender o grau de preconceito no qual estamos envolvidos. Nós estávamos tendo uma posição preconceituosa ao termos receio em abordar a pessoa negra, como se esta fosse uma questão "delicada",

e "perigosa", que dá margem a dificuldades. Inconscientemente estávamos associando "negro" com "atrito".

Um problema grave foi a exigüidade de tempo. A questão racial, uma questão histórica em nosso país, demanda muita pesquisa e muito estudo teórico. As vezes iniciávamos uma leitura, pensávamos no quanto é vasto o mundo constituído pelo negro em nosso país.

Partimos para entrevistas com pessoas negras envolvidas com o Movimento Negro, o "Consciência Negra", com as quais poderíamos ter discussões já fundamentadas por eles na sua vivência de grupo. Não foi fácil nos encontrarmos com eles devido a várias circunstâncias, mas em cada encontro tido, surgia uma infinidade de depoimentos cheios de emoção.

Utilizamos basicamente, o método de entrevistas. Nunca usamos o gravador para evitarmos uma provável inibição no entrevistado. As conversas foram informais, sem perguntas direcionadas.

Procuramos revistas e jornais locais, entre 1988 e 1989, para localizarmos a presença da discriminação do negro na cidade. Tão cedo percebemos que ela jamais esteve registrada nos meios de comunicação, que através da classe dominante, pretendem para a cidade, a imagem de uma progressista metrópole, onde reina a harmonia social.

Tivemos então, a monografia feita pelo Prof^o Luiz Cláudio Silva Oliveira em 1986, como suporte. Em "Os Dois Lados da Avenida", ele faz referências ao preconceito racial em Uberlândia.

Longe dos problemas tidos na realização da pesquisa terem tornado-se obstáculos, eles se tornaram incentivos, pois na medida em que conversávamos com as pessoas tanto negras, quanto brancas, sentíamos a força com que a questão racial se coloca em nossa sociedade.

O trabalho está disposto da seguinte forma: em um primeiro momento, discutiremos sobre os aspectos ideológicos da escravidão, instituição que deixou como legado para o Brasil, o preconceito expresso na discriminação racial do negro.

Feito isso, mostraremos, através de casos, atitudes discriminatórias do brasileiro quanto ao negro. Junto a essa demonstração, conheceremos dois universos relacionados a esta discriminação: 1º) O Universo das Leis 2º) O Universo dos Movimentos Negros.

Em um terceiro momento, procuraremos mostrar revistas e jornais de Uberlândia que a apontam como uma cidade modelar e harmônica em termos de

relacionamento social, dando a entender que nela não há preconceito racial. Tendo isto em vista, procuraremos localizar a presença negra nesses meios' de comunicação social: "Revista Uberlândia Ilustrada", "Revista Flash" e o "Jornal Correio de Uberlândia"

Em um quarto momento, reproduziremos os depoimentos de: pessoas brancas que emitiram opiniões sobre o negro em nossa sociedade e, posteriormente, pessoas negras que relatam as suas experiências enquanto negros em uma sociedade branca. Finalmente, faremos um levantamento numérico de pessoas negras atuando no mercado de trabalho.

"Derramou, com triunfal desprezo, as fotografias em cima da mesa. Toda a reportagem de polícia, com uma avidez imensa e gratuita, veio olhar. Eram flagrantes de uma pequena (e por que pequena) catástrofe. Desabara um andaime, na altura de um décimo-segundo andar, e o abismo súbito devorara de 12 a 15 vidas. O grande e pomposo argumento do Aroldo Wall era a cor das vítimas:

- Só cadáver de preto! Mas não é possível! (...) - Vem cá, Estrela, vem cá. Olha esse troço aqui! Olha que serviço porco! Estas vendo, Estrela?

O companheiro examina e ainda não entendeu:

- E daí?

Aroldo Wall dramatiza mais:

- Escuta, Estrela! Será que só morreu preto? Dez cadáveres e nenhum branco? Tem paciência, Estrela! Essa não! (...) Ou você me acha com cara de publicar cadáver de preto na primeira página? Na primeira página, Estrela! Eu ia dar uma chamada e não posso! Estrela, vê se eu tenho ou não tenho razão? Gasta-se jipe, papel, revelador e o Luiz Santos não bate nenhum cadáver branco?

(...) - Você quer me convencer, a mim, quer? Que o cadáver de um preto... Qualquer defunto é um bucho, mas o preto morto é pior! É um chute! " (*)

(*) RODRIGUES, Nelson. Asfalto Selvagem, vol II. Engraçadinha: seus amores e seus pecados, depois dos 30. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, pág. 147

01- A Escravidão e seus Aspectos Ideológicos.

É consenso geral no Brasil que vivemos em uma democracia racial. Aqui se implantou o paraíso racial. De acordo com isso, o povo brasileiro é destituído de qualquer preconceito quanto às diferentes raças.

Porém, revendo a documentação nacional sobre a população negra, nota-se a persistência do ocultamento das desigualdades raciais, isto é, das vantagens e privilégios da população branca e da discriminação social e econômica que sofre a população negra. Assim é que, logo após a Abolição da Escravatura, o governo republicano em 1889 e 1891, em nome de uma faxina no passado, mandou que fossem recolhidos e queimados os documentos sobre a escravidão. Essa queima diluiu a memória da história de sofrimentos e resistências do povo negro, mas salvou o mito da mansidão do senhor de escravos. Tratava-se de apagar da memória histórica das gentes a funesta instituição.

Para Octávio Ianni, essa iniciativa era um modo de tornar ainda mais nobre o gesto da abolição e estabelecer a fraternidade, solidariedade e comunhão dos brasileiros. Tentava-se conferir cidadania aos ex-escravos, negros e mulatos. Para isso, pois, havia que se queimar papéis, livros e documentos relativos ao elemento servil. A consciência dos donos do poder encontrava uma solução simples, sublime como o gesto da abolição. Queimam-se os documentos para abolir os fatos.

É preciso lembrar que a escravidão no Brasil, bem como em outros locais do mundo, apoiou-se em um conjunto sistemático de idéias, crenças e valores que, desenvolvidos em princípios lógicos e racionais, constituíram a ideologia da escravidão. Nela estão presentes elementos de épocas anteriores, que os ideólogos se encarregaram de reviver e universalizar, acrescidos de outros que foram surgindo.

Assim Aristóteles que vivera em uma sociedade que dissociava a atividade intelectual do trabalho manual, escreveu que alguns desde a hora de seu nascimento, estão marcados para viverem em sujeição e outros para governarem. Alguns teólogos como Santo Ambrósio e Santo Agostinho admitiam o cativo como parte do castigo pela perda da graça divina. Hobbes encarava

a escravidão como parte inevitável da lógica do poder.

Posteriormente, com o encontro do indígena no Novo Mundo e com a oportunidade de recrutar braços no grande celeiro que era a África, produziu-se um novo tipo de argumentação para a defesa da escravidão: o preconceito racial.

Segundo Suely Robles em "Aspectos Ideológicos da Escravidão", é possível dizer que antes do século XV não havia propriamente preconceito de raça. Com o fortalecimento do colonialismo no Novo Mundo e os interesses econômicos, provocou-se o desenvolvimento do preconceito. Dessa forma torna-se coletiva a representação do homem de cor como primitivo, inferior e incapaz intelectualmente. Se alguns nasceram para mandar e outros para serem mandados, quem melhor para isso que o indivíduo de cor não branca?

O racismo passou a justificar a dominação e a exploração do trabalho escravo durante a escravidão e, principalmente, forneceu as bases das práticas de dominação dos trabalhadores no período pós-abolição. A ideologia racista serviu para excluir uma parte significativa da população brasileira - os negros - do mercado de trabalho, considerando-a incapaz para o trabalho livre.

Assim, mesmo depois da Abolição, empresas (fabris e artesanais) continuaram a empregar preferencialmente os imigrantes e os seus descendentes. Os negros e mulatos ficaram à margem ou se viram excluídos da prosperidade geral. Viviam dentro da cidade, mas não progrediram com ela e através dela.

O Padre Antônio A. Silva em uma palestra sobre a Campanha da Fraternidade de 1988 "Ouvi o Clamor desse Povo" dizia que no fim do século passado, em um grupo de 4 pessoas, 3 eram negras e 1 era branca. O negro era a maioria. O governo então passa a atrair o imigrante para contrabalancear esse número e a proibir a entrada de negros. Procurava-se acabar com a raça negra. Até hoje, restringe-se o número de negros que entram no país.

A abolição marcou a mudança para um capitalismo baseado na exploração da mão-de-obra assalariada. Com a chegada dos imigrantes, reforça-se a ideologia do embranquecimento, pois as classes dominantes começaram a alegar a incapacidade das raças negra e amarela, a propalar uma pretensa superioridade da raça branca, a escolher o branco como ideal superior e ver o progresso como consequência do branqueamento da população.

Tal visão estava ligada às idéias evolucionistas reinantes na época, as quais colocavam o homem branco no centro e no topo da evolução da huma

nidade. Seguiu-se uma política no sentido de desestabilizar a preponderância da população negra e de embranquecer o país. Tal política vigorou particularmente no período migratório mais intenso, entre 1890 e 1930.

Houve também negros que passaram a aceitar a idéia de que o que é bom e bonito é branco, que esta é a cor afortunada social e esteticamente. Que cabelo bom e bonito é o que ondula. Pessoas boas são as de alma branca. Que a criança que não presta é a ovelha negra da família.

O ideal branco e a aceitação de valores europeus de beleza tanto por parte dos brancos como dos negros, vieram sendo mantidos por instrumentos ideológicos, como o rádio, o teatro, o cinema e mais modernamente, a televisão.

Após esse processo histórico em que se adota o padrão branco, tem-se a tentativa do negro em entrar no mundo branco, pois aí está a sua oportunidade de ter beleza, realização pessoal, cultura. A própria escola trata de gravar a situação, ela mostra o escravo sofrido e submisso. A criança negra sente-se humilhada por pertencer a um povo escravo, porém ela é descendente de um povo que foi escravizado e que tem a sua força. Ela não tem uma identidade escrava, mas a identidade de um povo como qualquer outro e, que foi escravizado.

Tem-se até hoje uma idéia arraigada em nossa cultura de que esse povo era indolente, preguiçoso, displicente e incapaz. Essa idéia não se justifica se analisarmos dados da época da escravidão. O negro escravo nunca poderia ser considerado preguiçoso a começar por sua jornada de trabalho: de quinze a dezoito horas por dia de trabalho em lavouras de café ou de cana-de-açúcar, com curtas interrupções para refeições rápidas. A displicência e incapacidade estavam mais ligadas ao fato do escravo "matar" o trabalho. Acima de tudo ele sabia que uma maior produtividade não implicaria em melhores condições de vida para ele, apenas para o senhor. "Matar" o trabalho era uma forma de enganar e de prejudicar o senhor, mostrar-se inconformado e rebelde.

Outra idéia que se tem é acerca da promiscuidade sexual em que viviam os escravos. Isso era impossível de se impedir, visto que a população masculina escrava era quatro ou cinco vezes superior à feminina. Muitas vezes uma mesma mulher tinha filhos com mais de um homem, sendo obrigadas também a servir sexualmente aos senhores.

Em suma, muitas das idéias que circulam atualmente sobre o negro foram concebidas há mais de três séculos e se arrastam impregnando a socie-

dade de preconceitos. Eles têm sua origem na época da escravidão e ao longo do tempo foram passados de geração para geração.

Dois escritores brasileiros que experimentaram ao longo de suas vidas o preconceito racial foram: Lima Barreto e Machado de Assis.

Lima Barreto era mulato. Em 1897 na Escola Politécnica sente-se isolado, retraído e excluído da companhia dos colegas. Inteligente e esforçado, tinha tudo para ser um excelente aluno, não fosse o preconceito racial que imperava na escola. Era perseguido pelo professor Licínio Cardoso, sofria constantes reprovações injustas e experimentava frontalmente a discriminação racial. Isso lhe provocava revolta, atitudes pessimistas e aumentava-lhe o complexo de inferioridade. Em sua produção literária mostra o submundo dos subúrbios cariocas e a vida miserável que neles levava a maioria negra da população.

Isaías, personagem de "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" sonhava em ser doutor. Para ele, ser doutor "resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor." (01)

Clara, personagem de "Clara dos Anjos", é uma mulata pobre, filha de um carteiro de subúrbio. Ao ser seduzida pelo namorado, é levada perante a família do agressor para uma reparação do dano. A sogra a humilha e se considera insultada pelo simples fato de ter uma negra manifestado desejos de casar-se com seu filho. Clara então se convence de que não era uma moça como as outras. A cena final do romance é pungente: mostra Clara abraçando a sua mãe e dizendo-lhe, desesperada, que elas, pobres e negras, não eram nada nesta vida.]

Machado de Assis, outro grande literato brasileiro, recria em seus romances o mundo carioca (e brasileiro) de uma sociedade cujos hábitos cerimoniais e atitudes convencionais dissimulavam, na boa educação e nos modos polidos, toda a violência de uma sociedade assentada nos privilégios e numa divisão desigual dos bens. O autor mostra esta sociedade dura e preconceituosa quanto à cor e posição social. Ele próprio sentira o preconceito: a família de sua amada não aceitava o fato dele ser mulato e entrar para a família.

- Existe Discriminação Racial no Brasil? -

(01) BARRETO, Lima. Recordações do Escrivão Isaías Caminha. São Paulo, Brasileira, 1956, pág. 46

Foi dito que se tornou consenso geral a não existência de preconceito por parte do brasileiro quanto às diferentes raças, incluindo aí a raça negra. Ao longo da história a classe dominante imprimiu a sua versão dos fatos, diluindo da memória histórica, o sofrimento e a resistência do povo negro, passando a mostrar o negro como ser inferior e incapaz de desempenhar o seu papel na sociedade.

Surge a questão: existe uma forma de demonstrar ou não a existência da discriminação racial em nosso país?

Existe. Uma forma seria através da análise de dados coletados pelos organismos oficiais. Entre os nove recenseamentos gerais no Brasil: 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980, os de 1872, 1890, 1940, 1950, 1960 e 1980 coletaram informações sobre a cor. O censo de 1960, apesar de ter coletado essa informação, não a divulgou. Com isso suprime-se os dados e os negros ficam sem saber quantos são, onde se acham, como vivem e de que forma participam da renda, da cultura e das decisões.

Entre tantas obras destacarei duas que se ocupam de demonstrar a discriminação do negro em nosso país (outra forma de demonstração)

Em 1985, a Fundação IBGE divulgou a publicação "O Lugar do Negro na Força de Trabalho" resultado da pesquisa realizada por Lúcia Elena Garcia de Oliveira e outros. Este estudo permite que se apreenda a desigualdade racial existente no Brasil, através de dados sobre a situação vivida pelo negro no mercado de trabalho. Este trabalho demorou um certo tempo para ser divulgado. Concluído em 1981, teve uma versão mimeografada que ficou por dois anos na lista de espera da gráfica da Fundação IBGE, sendo publicado apenas em 1983. Entretanto, a direção do órgão não autorizou a sua divulgação, permanecendo então, impresso e engavetado por dois anos. Em 1985 foi, finalmente distribuído, com o mesmo texto, a mesma capa, os mesmos dados, modificando apenas a data da publicação e também a direção da Fundação IBGE.

Fúlvia Rosenberg em sua pesquisa "Diagnóstico sobre a Situação Educacional do Negro (pretos e pardos) no Estado de São Paulo", através de dados especiais do Censo de 1980 discute sobre os benefícios dados pelo nível de instrução aos segmentos da população paulista diferenciada segundo a raça e o sexo.

Para a autora, se a escola não capacita a mão-de-obra, pelo menos ela credencia a mão-de-obra. Pode-se correlacionar os níveis de instrução da população com a qualidade de sua participação no mercado de trabalho, vis-

ta através dos cargos ocupados e de seu rendimento. Assim o nível educacio
nal das pessoas é determinante importante para elas se inserirem no merca
do de trabalho.

Pressupõe-se então que pessoas brancas e pessoas negras (economica -
mente ativas) com graus de instrução iguais deveriam ter rendimentos i -
guais. Porém, dados obtidos pelo Censo Demográfico de 1980 no Estado de São
Paulo apontam para uma situação diferente:

Conforme uma tabela que consta na pesquisa de Fúlvia Rosenberg

Tabela 5 - Rendimento médio das pessoas de 10 anos e mais que
trabalharam no ano por grau de instrução e anos de estudos,
segundo a raça e o sexo
São Paulo - 1980

ANOS DE ESTUDOS	GRAU ESCOLAR	HOMENS		MULHERES	
		BRANCOS *	NEGROS *	BRANCAS *	NEGRAS *
0 a 3	Primeiro grau	10.390	8.334	4.965	4.461
4 a 7	incompleto	14.554	10.447	6.852	5.384
8 a 10	Primeiro grau completo	19.578	13.267	9.526	7.739
11	Segundo grau completo	32.078	19.692	14.919	10.890
12 a 13	Terceiro grau incompleto	32.326	23.040	14.728	12.361
14 e mais	Terceiro grau completo	66.880	40.014	24.750	20.380
TOTAL		19.530	10.178	9.996	5.680

Fonte: Tabulações especiais do Censo Demográfico de 1980 (02)
*Rendimentos médios em cruzeiro, desprezados os centavos.

Pode-se dizer que a qualificação educacional tem um retorno desigual
para brancos e negros inseridos na força de trabalho. Essa diferença se a-
centua na medida em que aumenta o nível de escolaridade da força de traba
lho. Em um mesmo nível educacional os rendimentos dos brancos são superio-

(02) ROSENBERG, Fúlvia. Instrução, Rendimento, Discriminação Racial e do Gêne
ro. IN: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos do MEC, nº 159, Bra
sília, 1984, pág. 324

res aos dos negros.

A população branca (tanto masculina quanto feminina) é mais instruída que a população negra. Um número muito maior de brancos que de negros atinge os níveis superiores de instrução que são, também, aqueles que usufruem, em média, os melhores rendimentos.

Enfim em qualquer que seja o nível educacional considerado, os negros se concentram em número muito superior nos extratos ocupacionais inferiores. Homens e mulheres negros compartilham uma situação sócio-econômica na sociedade brasileira em que a raça permanece como um princípio classificatório importante.

"Preto e Branco"

Preto bebe porque gosta
Branco porque aprecia

Mas tem preto e tem branco que não tem esta mania
preto e branco em nossa terra tem a mesma regalia

O sol nasceu para todos
todos tem a luz do dia

É no preto e no branco
que o nosso Brasil procria (ai,ai,ai...)

A cor que temos na pele
a natureza é quem traz

Tudo aquilo que Deus fez
não tem quem que desfaz

Seja preto ou seja branco
nós somos todos iguais

Eu não tenho preconceito
tanto fez ou tanto faz

Se tem preto que perturba
tem branco chato demais (ai,ai,ai...)

Mulher seja preta ou branca
grande prestígio disputa

Por ela preto e branco
vivem numa grande luta

Tem preta que muito branco
por ela sofre labuta

Tem branca que muito preto
por seus carinhos disputa

Se tem branca que é boa
tem muita crioula enxuta (ai,ai,ai...)

O que manda é paz na terra
e glória nas alturas

Seja preto ou seja branco

nosso fim é a sepultura

Porque a terra come mesmo
não respeita a criatura

Preto e branco estão unidos
até dentro da leitura

É com o preto no branco
que se faz a assinatura. " (*)

(*) SULINO, Moacyr dos Santos. Preto e Branco. Música com Kitãozinho e Xororó
Copacabana Som Ind. Com. S/A. 1972

Viu-se anteriormente que, dentro do mercado de trabalho em São Paulo, pessoas negras têm rendimentos inferiores aos rendimentos de pessoas brancas. Pode-se concluir quanto ao caso da mulher negra (rendimento menor) o seguinte: transformada em máquina de produção, ela se sente obrigada a vender por um preço muito barato sua força de trabalho como faxineira, vendedora ambulante ou doméstica. Quantas delas já não terão sido recusadas para certos empregos devido à chamada "boa aparência", mesmo sendo elas capazes física e intelectualmente?

Levantaremos agora fatos que evidenciam a existência da discriminação racial do negro no Brasil.

Atitudes Discriminatórias

A negra gaúcha Elizabeth Zobrist provou na carne o preço do racismo no Brasil. Casada com um suíço, depois de viver dez anos na Europa, ela voltou e abriu uma agência de turismo para viajantes europeus. Em 1988, depois de três anos de trabalho, Elizabeth colocou à venda sua agência e quis voltar para a Europa, cansada de ter sido tão discriminada.

Segundo ela, em todos os restaurantes que ela frequentava com o marido, ele sempre era servido antes dela, embora os costumes indiquem que a mulher sempre deve ser servida primeiro. Nas lojas, atendendo com má vontade, as vendedoras logo diziam o preço dando a entender que nem precisa examinar o produto porque ela não terá dinheiro para comprar.

Certa vez em uma boite granfina quando ao pagar a conta, o marido deu o cheque para o garçon preencher e depois pediu a ela que o assinasse, passaram ambos por um grande vexame. A gerência não aceitou o cheque assinado por uma negra e, não contente com isso, mandou a segurança por Elizabeth na rua, enquanto o marido ficou preso até que a polícia viesse soltá-lo e esclarecer a situação.

Iléia Ferraz relatou em fins de 1989 no Jornal "Maioria Falante" que

há pouco tempo em São Paulo viveu uma situação de racismo, pois foi impedida de utilizar a entrada social de um prédio. Quando afirmou que aquilo era discriminação, o porteiro disse - "Está no regulamento, moça. Por aqui só pessoas muito, mas muito bem vestidas."

Iléia, atriz negra, afirma que o fato de ela ser negra é um referencial sempre lembrado. Quando é chamada para um trabalho é porque estão necessitando de uma atriz negra. Dificilmente um ator negro é chamado para um papel que não seja especificamente para negros: são os escravos, os bandidos e os empregados.

Quando se tem a oportunidade de fazer um trabalho cujo protagonista seja empregada ou um bandido, por exemplo, não se convidam atores negros. Geralmente eles representam papéis secundários, como pano de fundo, com raras exceções. Reforçam a imagem da subserviência.

Jair Meneguelli, da Central Única dos Trabalhadores, trabalhou durante vinte anos na FORD e conta que se o negro fosse inteligente, ou mais inteligente do que um branco, jamais teria condições de vir a ser o chefe da seção... jamais. Era raríssimo ver um negro de capa amarela, que era chamado de feitor. Em vinte anos de FORD só conheceu um negro que usava a capa amarela (chefia).

A apresentadora de TV Xuxa Meneguel explicou recentemente que suas paquitas são sempre loiras porque as meninas selecionadas são o resultado do apurado bom gosto de sua produção. Xuxa acha que realmente a raça branca tem aquele molho necessário ao seu programa, sendo que em um destes programas contou uma piada racista comparando o negro ao chipanzé.

No mês de outubro, em Manaus, um jornal local publicou um anúncio pago por uma empresa de recursos humanos, convocando "receptionista com boa aparência, cor branca, loira, comunicativa e de boa caligrafia". O anúncio provocou a reação do MOAN, Movimento Alma Negra, que ameaçou entrar na justiça para fazer valer o que determina a Constituição no Art. 5º, inciso 41 - "prática do racismo constitui crime inafiançável, sujeito à pena de reclusão, nos termos da Lei". A Presidente do MOAN, Vanda Gorete, disse que o Conselho de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra estava disposto

a apoiar a ação contra o racismo.

No dia 26 de novembro de 1989, em Porto Alegre, Manoel do Nascimento, um negro de 80 anos, estando nas Lojas Americanas, pegou um creme dental, pa na caixa, retirou o saquinho em que estava embalado o produto e o jogou fora. Em seguida saiu da loja. Os seguranças o acusaram de roubo. Manoel do Nascimento afirmou que eles o espancaram. O Movimento Negro Unificado iniciou os protestos contra a atitude discriminatória.

No dia seguinte, o prefeito Olívio Dutra (PT) ordenou que a loja fosse fechada com base na lei que proíbe a discriminação racial. O diretor da empresa, Alberto Sucupira, afirmou nunca ter agido com violência ou discriminado os seus clientes e negou que o homem tenha sofrido coação.

O Movimento Negro fazia a quarta manifestação em frente às lojas na sexta-feira seguinte ao acontecido, quando uma turba de saqueadores tomou conta do lugar. Dentre três horas, 29 lojas foram saqueadas, oitenta depredadas, 64 pessoas feridas e uma dona de casa morta vítima de um ataque cardíaco. Tudo isso porque populares se misturaram a uma manifestação pacífica anti-racista.

Nesta mesma semana de fins de novembro, um comerciante de São Paulo (21 anos) foi preso sob a acusação de ter chamado de "urubu, macaca e chiclete de macaca" uma estudante negra de 18 anos. Ele foi autuado em flagrante com base no artigo 5º da Constituição que considera o racismo como crime inafiançável.

Quando a estudante passava em frente ao comércio do rapaz que lavava o seu carro, este acertou-lhe um jato d'água dizendo-lhe: "Aonde você vai, sua negrinha, macaca, urubu, chiclete de macaca". A moça reagiu e atirou uma pedra no carro. O comerciante então pediu-lhe para olhar a cor dele e a dela, uma macaca.

A estudante chamou a polícia que foi testemunha do xingamento, pois ele continuou a xingá-la. O delegado atendendo o caso afirmou nunca ter visto ninguém em seus 34 anos de trabalho policial, ser preso por racismo.

Com esse fato, pela primeira vez no Brasil, alguém vai para a cadeia por ter sido racista.

Entre esses casos e tantos outros registrados pelos meios de comunica

ção, sendo que o primeiro se deu em 1988 e os demais no segundo semestre ' de 1989, devemos relacionar também o fato ocorrido em 1988 no mês de a bril, quando o "Jornal do Brasil" divulgou o caso de Willis da Silva. Estan do desempregado, foi preso na porta de sua casa na Favela de Vigário Ge - ral, enquanto ouvia rádio. Os policiais nem chegaram a pedir os seus docu - mentos. Ficou detido durante 13 dias sem culpa formada. Ele foi vítima do chamado "delito de vadiagem", uma ameaça ao negro pobre que não consegue ' provar rapidamente como e onde trabalha.

Este fato em particular, vem ilustrar a tese policial de que todos os criolos são marginais até que se prove o contrário. Na Baixada Fluminense, área de ação dos esquadrões da morte, uma parte muito significativa dos a - li justificados eram negros e um dos "justiceiros" mais famosos se fazia ' chamar de Mão Branca.

Toda essa situação de discriminação vivida pela população negra no Brasil já está sendo denunciada pela Igreja. Tanto a Igreja Católica quan - to a Congregação Testemunhas de Jeová (às quais pertencem grande parte da população brasileira) em sua literatura admitem o conflito racial e alme - jam para o futuro um clima de harmonia entre as raças.

Em uma publicação das Testemunhas de Jeová vê-se ilustrações onde os brancos, negros e amarelos estão sorrindo e colhendo frutos das árvores. I - maginamos haver um clima de total harmonia entre estas raças:

"E note a paz e a harmonia existentes. Pessoas de todas as raças - da negra, da branca e da amarela - vivem como uma só família." (01)

Essa congregação espera que com a chegada do Armagedon (juízo fi - nal) essa aspiração se concretize, ao passo que a Igreja Católica proclama a necessidade de uma mudança já:

"Na mesa sagrada se faz unidade
No pão que alimenta, que é Pão do Senhor
Formamos família na fraternidade
Não há diferença de raça e de cor" (02)

Começamos a conhecer o Universo da Discriminação em que se insere o negro no Brasil. Torna-se necessário então conhecermos o Universo das Leis

(01) SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Poderá Viver para sem pre no Paraíso da Terra. 1982, pág. 13

(02) O DOMINGO. Semanário Litúrgico-Catequético, 26 nov 1989, pág. 5, nº 54

que deveriam ter sido feitas para desestruturar aquele universo de discriminação, e que portanto, em nada contribuirão para isso.

O Universo das Leis

"Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas. Será punido pela lei o preconceito de raça." (03)

"Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e credo religioso e convicções políticas. Será punido pela lei o preconceito de raça." (03)

"Constitui-se contravenção penal, punida nos termos desta lei, a recusa, por parte de estabelecimento, comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de cor." (04)

"Repúdio ao terrorismo e ao racismo" (05)

"A prática do Racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei." (05)

A Lei Afonso Arinos, de 1951, é exclusivamente contrária à discriminação racial. Ela define como contravenção penal qualquer discriminação racial das pessoas no comércio, ensino, hotéis, restaurantes e outros locais. A Lei de Imprensa, de 1967, estabelece que não será tolerada a propaganda de guerra, de processo de subversão de ordem política e social ou de preconceito racial ou de classe. A Lei de Segurança Nacional de 1969 define como crime contra a segurança nacional incitar ao ódio ou à discriminação racial.

Em março de 1975, a propósito do "Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial", o General Geisel dirige mensagem à nação brasileira. Reproduz vários elementos do mito da democracia racial brasileira. Diz a mensagem:

"Somos uma nação que é o produto da mais ampla experiência de integração racial que conhece o mundo moderno (...) nada poderia ser mais alheio à alma brasileira que o fenômeno da discriminação racial.

A Constituição Federal e outros diplomas legais ratificam a vocação'

(03) Constituição da República Federativa do Brasil de 18/09/46, art. 141 § 5º

(04) Constituição da República Federativa do Brasil de 17/12/69, art. 153 § 1º

(05) Constituição da República Federativa do Brasil de Out/88, art. 4 e 5, § VII e § XLII

de fraternidade de nosso povo (...) Fomos o primeiro país a assinar a convenção internacional para a eliminação de todas as formas de discriminação racial" (06)

Com tantas leis referentes à discriminação racial, até poderíamos pensar: o problema racial, de tantas décadas para cá, tem encontrado na legislação, um respaldo para si. Porém, tais leis são feitas por uma elite branca e, efetivamente não resolve nada. Não é porque elas estão no papel, que as coisas mudarão de um dia para outro.

Em São Paulo, no ano de 1978, realizou-se um Ato Público onde foi feito o enterro da Lei Afonso Arinos, que das muitas palavras que tem, apenas impõe sobre quem a violar, o pagamento de uma fiança irrisória.

A decisão da Assembléia Constituinte de considerar inafiançável o crime de racismo, tem pouco impacto sobre a situação do negro brasileiro, embora tenha sido considerada um avanço. Na verdade, a maioria dos presos encontrados nas delegacias, ainda continua sendo presos negros. Ainda se associa o negro com o crime e a violência.

A lei estabelece que todos são iguais perante a lei. Assim, a elite branca decidiu dizer tal coisa, bem como dizer que o preconceito deverá ser punido, mas, por outro lado não admite a sua existência. A Constituição do país reza a igualdade, então para que nos preocuparmos com as diferenças nas condições de vida entre os brancos e os negros?

Sabemos que tudo não passa de letra morta. A classe dominante monta o conjunto de leis que se torna um direito para o dominante e um dever para o dominado. O legal aparece para os homens como legítimo, isto é, como bom e justo. Dessa forma, a dominação de uma classe é substituída pela idéia de interesse geral encarnado no Estado, tal dominação de uma classe por meio das leis é substituída pela representação dessas leis como justas, boas e válidas para todos.

Em suma, a ideologia racial do branco diz que não há preconceito, que todos são iguais perante a lei. Mas a própria lei se encarrega de afirmar que o preconceito e a discriminação de raças são crimes ou contravenções.

No Brasil, é proibido ter preconceito. Ao mesmo tempo, nos dicionários, encontramos definições preconceituosas sobre o negro: escravo, indivíduos ligados à desordens (negrada). A expressão "meu negro" também pode, além de ser um tratamento familiar, ter uma dose de ironia - venha cá, meu negro, aguenta o negro.

(06) IANNI, Otávio. Raças e Classes Sociais no Brasil. 3 ed. São Paulo, Brasilense, 1987, 'pág. 113

O Universo dos Movimentos Negros.

As comunidades negras do estado de São Paulo e do Rio de Janeiro começaram desde o início desse século a se organizarem para lutar contra o preconceito e a discriminação raciais.

Como já dissemos, adotou-se no país, a política de importação de mão-de-obra, limitando cada vez mais a ocupação do negro no mercado de trabalho. A Liga Humanitária dos Homens de Cor, criada em 1914 em Campinas, é uma das primeiras organizações deste século. Ela buscava defender os direitos do trabalhador negro.

Em 1929, surge o primeiro jornal negro "Clarim da Alvorada" que contribui para a organização política dos negros paulistanos através de entidades que lutavam pela valorização dos negros.

Em 1931, nasce a Frente Negra Brasileira, que objetivava fortalecer o negro e o mulato na sociedade de mercado burguesa em expansão. Ela expressou a reivindicação de trabalhadores que queriam condições mais justas, semelhantes às aquelas que desfrutavam os trabalhadores brancos. Objetivava também lutar contra a discriminação no trabalho, escola, igreja, etc. Em 1937, a Frente Negra propôs-se tornar um partido político, mas, ao lado do Partido Comunista Brasileiro, foi colocada na ilegalidade por Getúlio Vargas.

Em 1944, Abdias do Nascimento cria o Teatro Experimental do Negro - TEN - que denuncia a situação de marginalidade social do negro.

Em 1969, funda-se o Centro de Cultura e Arte Negra - CECAN - que aglutina negros universitários, jornalistas e artistas.

É realizado em Cáli, na Colômbia, em 1977, o I Congresso de Cultura Negra das Américas. A comitiva brasileira é impedida de viajar por proibição do Ministério da Educação e Cultura, pois segundo ele, tal congresso não tinha importância para a cultura brasileira.

Abdias do Nascimento, exilado nos EUA, participa e denuncia publicamente o racismo no Brasil. Este será um antecedente do manifesto realizado em 1978. No dia 7 de julho, faz-se um ato público de indignação contra a discriminação racial sofrida por quatro garotos negros nas dependências do Clube Regatas do Ietê e o assassinio por torturas de Robson Silveira da Luz em uma delegacia de polícia. Nasce então o Movimento Negro Unificado. Esse dia passa a ser o dia nacional de luta contra o racismo. Este movimen

to que nascia torna-se a resposta que demorou 41 anos desde o fechamento' da Frente Negra Brasileira.

Em 1982, cria-se em São Paulo, o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, órgão do Estado de São Paulo, procurando atender as necessidades e problemas específicos dessa comunidade.

Em 1986, são eleitos entre 559 deputados, quatro que assumem sua identidade racial e lutam pela melhoria da condição devida dos negros no Brasil: Benedita da Silva, Carlos Alberto Caó de Oliveira, Paulo Paim e Edmilson Valentim.

Luiz Alberto, deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, foi uma voz firme na Assembléia Constituinte ao defender os interesses da comunidade negra. A sua participação ativa fez incluir a criminalização da discriminação racial e do racismo, tornando-os crimes inafiançáveis.

Benedita da Silva, militante negra, moradora da favela da Rocinha no Rio de Janeiro, elegeu-se deputada constituinte e propôs o rompimento de ' relações diplomáticas com países cuja política fosse o racismo e a discriminação racial.

Mas,

"Ainda há um longo caminho a percorrer para se chegar a uma real abolição da escravatura, onde o negro esteja integrado totalmente como cidadão brasileiro" (07)

"O negro brasileiro foi sempre um organizador. Durante o período no qual perdurou o regime escravista, e, posteriormente, quando se iniciou - após a Abolição - o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes: quilombos, confrarias religiosas (...) Com isso ele procurava obter alforria, minorar a sua situação durante o regime escravista e, posteriormente, fugir à situação de marginalização' que lhe foi imposta após o 13 de Maio." (08)

(07) MARIA, Vanderlei José. Uma Breve História do Movimento Negro. IN: Salve ' 13 de Maio. São Paulo (estado) Secretaria de Educação. Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros, 1988, pág. 15

(08) MOURA, Clóvis. Organizações Negras. IN: SINGER, Paul (org). São Paulo: O Povo em Movimento. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 1982, pág. 143

"Não fala com pobre
Não dá mão a preto
Não carrega embrulho
Pra que tanta pose doutor
Pra que esse orgulho
A bruxa que é cega esbarra na gente
A vida estanca
O enfarte lhe pega doutor
E acaba essa banca" (*)

(*) A BANCA do Destino. Dolores Duran. Reconstrução técnica com Orquestra e coro em 16 Canais. Copacabana, São Paulo, 1979

CAPITULO II

- Uberlândia, A Cidade Vencedora.

Terra pujante. Segunda a Revista comemorativa do seu centenário - U - berlândia, 100 Anos - O Perfil de Uma Cidade Vencedora - ela é a terra da fertilidade. Nascida há 100 anos em berço esplêndido, cresceu em um pedaço fértil e privilegiado do Brasil Central. Em pleno cerrado, a cidade se transformou, com o passar do tempo, num modelo de urbanidade - e numa referência de peso para todo o continente americano.

Assim garante o BIRD (Banco Mundial) que a aponta como modelar para toda a América Latina. Ela possui índices de mortalidade infantil mais baixos entre os países do 3º Mundo, possui quase que em 100% de suas residências, água e luz.

Também na Revista Flash de Outubro de 1988, refere-se a Uberlândia como a cidade apontada no relatório anual do BIRD como modelo da América Latina, enquanto que as pesquisas nacionais a classificam como a 5ª cidade brasileira em termos de qualidade.

Uma definição eufórica acerca da cidade também ocorre na famosa reportagem realizada pela Revista Veja em fins de 1987. De lá para cá muitos julgam ser tal reportagem a causadora da onda de violência que se abateu sobre a cidade a partir de 1988.

Naquela reportagem, com orgulho o professor Roberto Carneiro da Universidade Federal de Uberlândia afirma que a cidade é um resumo do que o Brasil tem de melhor.

Ela é apontada como o polo de progresso e tranquilidade no interior do país, vivendo fora do círculo de crise econômica e social que se aperta em torno da maioria das cidades brasileiras.

Com total segurança afirma-se: Não existem mendigos pelas ruas; em vez de desemprego, há vagas em oferta em muitas empresas; a cidade possui o mal do interior que é o marasmo; ela é o símbolo das aspirações de milhões de brasileiros que desejam viver em um local onde possam andar na rua tranquilamente, terem incentivo para trabalhar, confiarem a educação de seus filhos à escola, relacionarem-se com pessoas mais simples.

Aqui boa parte da população conhece todos os seus milionários que

têm mais de 1 milhão de dólares e também conhece pelo nome ou apelido os seus cinco ou seis mendigos renitentes que não aceitam trabalho e preferem viver de esmola, apesar de todo empenho em contrário das autoridades que cuidam da assistência aos pobres.

O progresso é uma constante: grandes empresas se expandem, pequenos empresários dizem não saírem daqui por nada neste mundo, vários investimentos beiram a ousadia, dezenas de prédios são erguidos mensalmente, vendem-se automóveis como água, a saúde e a educação tiram nota máxima. Levanta-se a hipótese de que a população passou a adoecer menos ou ganhou condições para procurar médicos particulares, pois o atendimento nos ambulatórios públicos caiu.

Nos cinemas, há mais filmes de lutas orientais do que espetáculos pornográficos. Nas escolas oficiais, filhos do pedreiro, do médico e do vereador sentam-se lado a lado.

Temos então a idéia de que a cidade goza de total harmonia social. Uberlândia é mostrada como conservadora quanto à moral e os bons costumes. Uma estudante disse não pensar em usar um biquíni mais cavado na piscina, pois não dá nem para pensar, porque quem for ousada ficará falada rapidamente.

Para Valéria Velasco, ex-Miss-Uberlândia, a virgindade aqui é muito respeitada. Na cachoeira de Sucupira há uma placa recomendando aos frequentadores o uso de trajes de banho adequados à moral. Nos hotéis instalados nos arredores da cidade o movimento é fraco.

A exemplo de um grande empresário, a população é obreira. O solteirão e um dos mais promissores partidos da região, Alfredo Júlio Rezende, é responsável por 60% do frango consumido no Brasil. Ele vive em uma mansão que é guardada por dois leões de mármore na entrada. Não aprecia a vida social. O negócio dele é o trabalho.

Referências à grandiosidade do município também encontraremos em um artigo do "Correio de Domingo" (dezembro de 1989), quando foi feita detalhada descrição da grandiosidade do Clube Caça e Pesca que é assim para atender a uma cidade que também é grande.

A descrição do clube é no mínimo empolgante: tido como o clube de maior área de lazer de Uberlândia, tem muito verde, água em abundância e uma reserva de 6 alqueires de mata. Existe uma infra-estrutura que inclui seis piscinas com água corrente de mina, ginásios, quadras, restaurante e bares.

O clube absorve o maior número de pessoas na cidade - são 43 mil ao todo. Justamente por estar aberto a pessoas de diversas classes sociais (po-de-se entrar como sócio-contribuinte no caso de haver desistências) é que surgem preconceitos por parte de muita gente. Geralmente se ouve comentários elegendo-o como o clube da negaiada. Contrariando a imagem dos clubes tipo Praia e Cajubá (poder aquisito como critério de acesso), o Caça e Pesca é desfrutado por assalariados. A conclusão que se pode tirar ao observarmos os seus frequentadores é que há total igualdade e nenhuma preocupação com as diferenças sociais. Todos desfrutam dos prazeres oferecidos pelo clube, especialmente o contato com a natureza.

A sua direção está planejando uma grande campanha de divulgação e valorização. Aliás, já começou, pois o artigo "Caça e Pesca, nenhum preconceito e muito lazer" mostrou a igualdade em que os sócios convivem. Não interessa se eles são desta ou daquela classe social, se são brancos ou negros.

Assim, como fruto da abertura surge aquele preconceito por parte de muita gente que certamente reprova o fato de misturarem no clube pessoas de diversas classes, incluindo aí os mais pobres e os negros. Contraria-se a idéia de que nos clubes deve-se encontrar pessoas bem aparentadas e situadas na vida, do tipo americanos em férias nas praias cariocas.

Sabedores da tradição discriminatória e elitizante dos clubes da cidade, a direção iniciou a campanha divulgadora do clube enfatizando a abertura dada aos assalariados (condenados a no máximo bater bola nas quadras construídas nos bairros pela administração Zaire Rezende ou a mergulhar nas águas turvas da piscina do Parque do Sabiá) e aos negros.

A enfermeira Solange declara gostar muito do clube e abominar os atrasos da empresa de ônibus Transcol que fazia as corridas cidade-clube. Ela conta ter tentado entrar em outros clubes como sócia, mas não ter conseguido, provavelmente por ser negra, conforme ela "Aqui no Caça e Pesca eu nunca senti reações de racismo". (01)

Começamos assim a encontrar com uma cidade não exatamente igual àquela proclamada pela imprensa, mas uma cidade que não foge aos padrões sociais do resto do país com aquelas práticas discriminatórias, as quais já comentamos.

Ela é sim, uma cidade famosa pelo racismo no passado, uma época em que

(01) CAÇA e Pesca, Nenhum Preconceito e Muito Lazer. Correio de Domingo, Uberlândia, 03 dez 1989, pág. B-1

a avenida principal da cidade tinha um lado destinado ao trânsito de pessoas brancas e outro para o de pessoas negras na década de 50. No meio da avenida passavam os pobres e um ^bsu-grupo de negros tidos como "desclassificados" e mais humildes. Essa divisão evidenciava uma prática discriminatória da sociedade local contra negros e pobres que também podia ser encontrada em outros locais como escolas, clubes e restaurantes.

Nininha Rocha, a famosa pianista uberlandense, em seu livro "A Pianista amou sem medo...um grande político! E de peito aberto...Um Negro! diz:

"não sei não, mas alguma coisa está fora do lugar em nossa bonita cidade: O Racismo, o preconceito social e a inversão de valores autênticos por exemplo" (02)

Ela almeja uma sociedade igualitária:

"Acabou a guerra irmão!
Não há mais preconceito
De raça ou de cor
De posição social
Pois tudo é amor" (03)

Não conhecíamos a sua obra, recorremos a ela para localizar a discriminação racial do negro na cidade, quem sabe talvez até encontrarmos referências àquelas violentas formas de racismo encontradas por exemplo na divisão da avenida, pois o título sugeria haver denúncias de discriminação.

Aconteceu o seguinte: a leitura da obra foi feita com entusiasmo, visto a sua importância, mas quanto ao relacionamento seu com as nossas investigações, não o encontramos diretamente. Não são feitas referências à discriminação, mas são abordadas as manifestações folclóricas da região. Porém chegamos à conclusão de que não encontraríamos em arquivos de jornais e revistas o registro de práticas discriminatórias, pois elas não passam pela censura da classe dominante que pretende para a cidade uma posição de destaque e grandes atributos morais. Se quiséssemos detectar a discriminação deveríamos partir para a coleta de depoimentos de pessoas que vivem e viveram na cidade. No entanto não tínhamos tempo para este trabalho.

Partimos então para a análise de jornais, revistas e outros estudos sobre o negro em Uberlândia afim de termos uma idéia sobre a sua participação em nossa sociedade, bem como as dificuldades encontradas por ele dentro das relações sociais. Essa análise objetiva verificar também a forma

(02) ROCHA, Nininha. A Pianista amou sem medo...Um grande político! E de peito aberto...Um Negro! Uberlândia, ABC Sabe, 1987, pág. 108

(03) idem, pág. 132

com que a imprensa vê o negro.

Na leitura feita, procurando localizar a presença negra nos meios de comunicação em Uberlândia, tivemos sempre em mente que, nas falas do prefeito Virgílio Galassi e nas falas de políticos locais, é consenso geral a atribuição à cidade, de altos valores morais e a existência de total harmonia entre as classes sociais. A cidade caminha a todo vapor para o ano de 2.000; ela é a cidade do "pensar grande".

Aqui, segundo eles, não há preconceito de raça, pois declaram haver na sociedade uma total harmonia social. Mas na própria matéria promocional do Clube Caça e Pesca (é muito duvidoso terem encontrado uma negra para valorizarem o clube com o seu depoimento de lá não haver racismo) tem-se a preocupação em afirmar que o clube não discrimina negros e nem pobres, fato que, então, deve existir em outros clubes da cidade.

Nossas leituras nos conduziram a outra realidade, aquela mais próxima à realidade do Bairro Patrimônio. Este bairro, cercado de um lado por bairros como Altamira e Morada da Colina, de outro pelo Praia Clube, sendo assim ele é tido como um elemento estranho, incômodo e talvez até curioso para alguns.

Luis Augusto Bustamante em sua monografia realizada em 1986, fez uma amostragem de 72 pessoas (15 moradias) num universo de 463 pessoas (188 moradias) e, classificando-as em negro-mulato-branco, encontrou a seguinte distribuição: negros: 43,5%; brancos, 18,05%; e mulatos, 38,89%. Trata-se de um bairro onde a maioria da população é negra e mestiça. Moradores de outros locais da cidade sabem do fato e classificam o Patrimônio como sendo um "bairro dos pretos". Segundo o autor, pessoas da raça negra que moram em outros locais têm os negros do Patrimônio na conta de "perigosos" e "maus".

O bairro abriga uma comunidade que tem como elemento padrão o negro pobre. Tendo isso em vista, é feito um estudo histórico acerca do bairro. Curioso que além dessa monografia feita acerca do Bairro Patrimônio, pudemos encontrar outra feita por alunas da Faculdade de Serviço Social. Nesta, descreve-se o bairro como sendo constituído por um aglomerado de famílias. Dentre elas, embora haja uma porcentagem de mais ou menos 23% de pessoas de cor, os problemas de preconceito racial inexistem, segundo elas.

O Profº Luis Cláudio Silva Oliveira, atualmente ligado à Secretaria

Municipal de Cultura da Prefeitura de Uberlândia, na realização de suas análises "Os Dois Lados da Avenida", valeu-se de depoimentos de avós, tios, parentes e conhecidos, nos quais tomou conhecimento da existência de dois lados de uma avenida que separavam homens negros de um lado e homens brancos de outro.

"Os Dois Lados da Avenida"

Segundo Luis Cláudio, o Colégio Nossa Senhora das Dores não admitia a presença de meninos negros como alunos. No famoso "Liceu" do profº Milton! Porto, a proibição não existia, mas a população por ser muito pobre não tinha elementos que conseguissem sustentar um filho naquele colégio tido como o mais bem conceituado da cidade.

Transcreveremos em seguida, integralmente, as colocações feitas por ele em sua monografia, pois elas se tornaram uma documentação que vem suprir a deficiência de fontes sobre a discriminação racial em Uberlândia:

"A Avenida Afonso Pena, artéria urbana principal, onde estão as lojas' mais finas e várias agências bancárias tem sua história marcada pela segregação racial que permeia as relações sociais do Brasil e desta cidade.

Tomando o início da avenida, como ponto de referência, a partir da Pça Clarimundo Carneiro, onde estão os edifícios da Câmara Municipal e da Prefeitura, o seu lado esquerdo era destinado aos brancos e o lado direito aos homens de cor.

No meio da avenida, geralmente passavam as pessoas mais pobres e "negros desclassificados".

(...) Uma afirmação unânime dos entrevistados durante o trabalho de campo foi a seguinte: a divisão entre brancos e negros na Avenida Afonso' Pena, em Uberlândia não foi uma norma institucionalizada e ocorria de modo espontâneo.

(...) Os clubes que existiam na cidade, exemplo mais famoso do "Praia Clube" e "Uberlândia Clube" não aceitavam negros.

Os cinemas, exemplo do antigo "Cine Teatro Uberlândia" tinham lugares diferentes para negros e brancos. Na platéia do piso ficavam os brancos e no andar superior, denominado "poleiro" ficavam os negros. Contou-se que o chique para ir ao cinema era frequentar a sessão das seis horas. Neste horário frequentavam em maioria as pessoas mais abastadas e na porta do cinema, os mais pobres e negros esperavam a sessão seguinte.

O poleiro era o lugar de "pessoas mal-educadas", lugar de "correries, confusão e bagunça"

Dentre outros ambientes mais refinados foram lembrados o "Bar da Mineira" e a "Confeitaria Na Hora". Aos domingos, depois do desfile pela avenida, os mais abastados se sentavam nestes lugares para tomar sorvete. Do outro lado, na mesma Avenida Afonso Pena, os negros e os mais pobres também desfilavam mas não entravam no Bar e na Confeitaria.

No centro da cidade não havia a possibilidade de realizar festas de

negros ou outros eventos, exceção feita a tradicional festa de N. Senhora do Rosário que acontecia uma vez por ano.

(...) Enquanto classe social a população negra de Uberlândia viveu até a década de 30 quase que exclusivamente confinada na periferia do perímetro urbano.

Suas festas eram realizadas nas residências dos bairros do "Patrimônio," "Vila Operária" e no "Fundinho". No centro da cidade não haviam festas ou eventos sociais que não fossem de brancos. Na década de 30, nos primeiros anos, surge a "Legião Negra" uma associação de negros liderada por João Benedito Brasil e que conseguiu para o candidato Vasco Gifone cerca de 300 votos que o levaram a vitória na disputa pela Prefeitura Municipal.

O prefeito Vasco Gifone, com o apoio da população negra, fez com que e la viesse para o centro realizar suas festas. Esta regalia durou pouco, pois devido ao "mau comportamento" dos negros eles tiveram que voltar ao subúrbio.

Por "mau comportamento" devemos detalhar que alguns indivíduos, nas festas promovidas a noite sujaram com excrementos os alpendres e abrigos' de residências de pessoas ilustres que habitavam no centro.

De volta ao subúrbio, foi fundada a "Associação José do Patrocínio". Foi um local de dança e festas mais conhecido por "Caba-Roupa". O apelido' se deu ao fato de que a poeira e o desconforto do ambiente terminavam por estragar a roupa dos frequentadores.

(...) O "Caba-roupa", o "Zanzibar" e o "Zingara" foram outros clubes' e associações que promoviam festas e bailes. A renda era aproveitada pelos dirigentes para uso pessoal. Não haviam estatutos, normas ou um objetivo de promover a integração efetiva do negro no conjunto da sociedade. (...) Na' década de 60 surgiu o "Clube Alvorada", uma espécie de Centro Cívico que tentou promover além das atividades de lazer, um aprimoramento cultural e social dos participantes.

(...) O primeiro negro a discursar em praça pública foi João Benedito Brasil, na companhia de Vasco Gifone. Este líder da "Legião Negra" participou inclusive da classe política que movimentou o Golpe do Pres. Getúlio Vargas em 1937. Antônio Queirós Barreto foi eleito vereador, na década' de 60 como suplente e a primeira liderança negra na Câmara Municipal foi' a da atual vereadora Olga Helena da Costa.

(...) Mas o preconceito contra a festa também existe na cidade tanto por parte da população, como parte do clero. Em 1959 o então vigário da Catedral Diocesana, Monsenhor Eduardo dos Santos fez uma pregação e condenou o Congo e a atitude dos negros. A atitude do monsenhor não se limitou ao sermão. Ele prometeu que aquele seria o último dano da festa.

Com a criação da Diocese de Uberlândia o seu primeiro bispo, D. Almir' Marques revogou a decisão do vigário e manteve a festa. Pela pesquisa que fiz descobri que a causa da revolta do vigário se deveu a recusa do pagamento das esmóltulas a que fazem jus os sacerdotes ao celebrarem às missas e os ofícios da festa.

(...) O bairro do "Patrimônio" era a região residencial de negros' mais pobres e "desclassificados". No "Fundinho" morava a camada média e na "Vila Operária" outra camada. Havia uma rivalidade entre estes grupos o que (...) prejudicou o entrosamento efetivo e a aglutinação de todos os negros junto a uma só liderança.

"No meio da avenida ficavam os crioulos do pé vermelho. Referência feita à poeira do bairro do Patrimônio. No passeio ficavam os negros chiques." Referência feita àqueles que procuravam se destacar e adotavam um compor-

tamento mais refinado.

Conta-se também que as festas ou um reduto eram quase que exclusivas e se um negro de um reduto frequentasse a festa de outro era, por certo motivo de briga e confusão.

Em torno da Avenida Rio Branco existiam vários estabelecimentos de prostituição e os cabarés frequentados por negros eram denominados de "mufurufos"

"havia pouca possibilidade de se encontrar bons empregos na cidade." O negro não sabia falar, ler, escrever e se comportar adequadamente" Pessoas como o Sr. Ciro Franco, proprietário da loja "Agoiana" foram, por assim dizer, mecenas de diversos negros ajudando-os a conseguir vagas nas escolas e empregos.

(...) "tudo passa". Perguntei aos entrevistados o que eles sentiam com relação a este tempo. A maioria lembra-se das décadas de 30, 40, dos anos 50 com nostalgia. Reconhecem, no entanto, que a discriminação hoje é menor no que diz respeito ao caráter explícito. Percebem a sutileza dos preconceitos contra o negro no presente e no passado..." (04)

(04) OLIVEIRA, Luis Cláudio Silva. Os Dois Lados da Avenida". Trabalho de Monografia e Pesquisa. Curso de História-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1986.

"Clara contemplava o céu negro, picado de estrelas, que palpita -
vam. A treva não era total, por causa da poeira luminosa que penei -
rava das alturas (...) Correu com o pensamento errante toda a ex -
tensão da parte do céu que avistava. Voltou ao Cruzeiro, em cujas '
proximidades, pela primeira vez, reparou que havia uma mancha ne -
gra, de um negro profundo e homogêneo de carvão vegetal. Perguntou
de si para si:

- Então, no céu, também se encontram manchas?

(...) Moça, na flor da idade, cheia de vida, seria como aquele céu '
belo, sedutoramente iluminado pelas estrelas, que também tinha ao
lado de tanta beleza, de tanta luz, de não sabia que sublime poe -
sia, aquela mancha negra como carvão? " (*)

(*) Literatura Comentada. Lima Barreto: Seleção de textos, notas, estudos bio -
gráficos, histórico e exercícios por Antônio Arnoni Prado, São Paulo,
Abril Educação, 1980, pág. 39

Antes de localizarmos a presença negra em jornais, revistas e estudos sobre o negro em Uberlândia, faz-se necessário levar em consideração: ao longo da história de Uberlândia, os negros são tratados como se não existissem. As suas manifestações culturais são tidas no máximo como curiosas. Refere-se aos negros que se enriqueceram graças ao trabalho, aos negros que são pais de família respeitáveis.

Tito Teixeira nas 1.100 páginas de seu livro "Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central" faz um estudo sobre a história da criação do município de Uberlândia em que se desfila o espírito empreendedor das famílias ilustres. Nada mais que duas páginas são destinadas a abordar a contribuição negra para o desenvolvimento do município. O item é rápido e se denomina simplesmente "Os pretos".

Nesta história não há lugar para o negro. Ela não nos permite conhecer dados autênticos sobre essa raça. Ficamos apenas a par da história dos "grandes homens" que sempre viveram explorando os "pequenos". Dessa forma os negros interiorizaram a suposição de que não são sujeitos da história, mas apenas pacientes. Desde crianças aprendem que a Abolição não foi conquistada, mas dada pelo branco. Toda a luta e resistência estão apagadas e a memória do negro diluída.

Em novembro de 1989 a Secretaria da Cultura através de seu Órgão Informativo, ao focar a história do Congado na cidade, afirma que optou-se por construir a primeira capela para sediar as comemorações na Praça Dr Duarte, pois o crescimento do arraial tendia para lá. E em 1891, a capela foi transferida para a Praça Rui Barbosa, por iniciativa do Sr. Arlindo Teixeira, na época, um membro da comissão procuradora da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Ele se propôs a mudar a capela e construí-la em terreno vago da atual Praça Rui Barbosa.

A história do Congado em Uberlândia envolve conflitos que nem passaram por perto daquele órgão informativo.

Segundo Márcia Junqueira Rezende, uma das pesquisadoras da Secretaria de Cultura sobre o Congado, o movimento dos congadeiros que homenageia N.

Sra.do Rosário e São Benedito, é uma festa popular cujas origens no município são conhecidas a partir de 1874. Naquela época, os negros, ainda escravos pediam licença aos senhores e se reuniam na região do Rio das Velhas e no Distrito de Olhos D'Água para dançarem e cantarem em homenagem aos santos de sua devoção.

Com a abolição da escravatura o culto àqueles santos ganhou mais força e mais adeptos. Em 1890, construiu-se a primeira capela dedicada aos dois santos da devoção da comunidade negra. Construída onde hoje é a Escola Enéas de Oliveira Guimarães, a capela não foi bem recebida pelo político Arlindo Teixeira que residia na Praça Doutor Duarte. Incomodado com a movimentação dos negros, ele doou um terreno para a construção de uma nova igreja, uma espécie de rancho que, mais tarde, daria lugar ao que é hoje a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, instalada na Praça Rui Barbosa.

Trata-se de abolir também da história a repressão cultural sofrida pela festa do Rosário. Ela sofre uma "proibição por parte dos padres de se realizar as danças no interior da igreja, proibição esta que não existe em outros lugares em que se realiza o reinado como em São Luis do Paraíta, interior de São Paulo." (01)

A repressão policial foi dura. O delegado Samora nos anos 30, lidava com os ternos que ousassem sair de seus guetos - as vilas periféricas - ou do largo da Igreja do Rosário, e passassem pela parte central da cidade. Após 1940, a saída dos ternos em procissões e festejos por esse local foi liberada, desde que se apresentasse autorização policial.

Como hoje, essa parte central da cidade era a Afonso Pena que em princípios do século tem delineado o seu surgimento com casas separadas entre si por chácaras. Talvez devido aos planos de construção do Ginásio Mineiro do Uberabinha, em meados da década de 10, os negros moradores dos mocambos próximos, onde hoje é a Praça Adolfo Fonseca, foram expulsos e suas moradas destruídas. O crescimento do espaço urbano da classe dominante destruiu assim os núcleos de povoamento negros. Acima de tudo dava-se um jeito de destruir qualquer tipo de articulação da comunidade negra, bem como de "limpar" a cidade do elemento negro.

É o que acontece em 1916 com Manuel Angelino Nascimento, presidente

(01) BUSTAMANTE, Luís Augusto. Bairro Patrimônio: Salgadores e Moçambiqueiros. 1º Concurso de Monografias-Secretaria de Cultura de Uberlândia, Uberlândia, Zardo, 1986, pág. 28

da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, iniciada por ele em 1916. Ele reunia o seu grupo a 17 quilômetros do centro da cidade para luvarem a sua padroeira. Porém a família proprietária das terras não consentia a reunião dos negros.

É dentro deste mundo de repressão sobre o negro que surgem contos como aquele narrado por Nininha Rocha. Ela narra o conto do Cabo Roque, policial fictício de uma pequena cidade. Um comerciante reclamara de um bêbado que era negro. No ato da prisão, o cabo não se preocupa com os palavrões que o proprietário dizia ofendendo o bêbado mais pela sua condição de negro do que de bêbado. Pelo contrário, repetia o xingatório, chamando-o de negro à toa, canela grossa, beijo de feijoada, pau de virar tripa, o diabo. E se lembrava, aborrecido, que no catecismo, os colegas cantavam-lhe que "negro não entra no céu nem que seja rezadô, tem o cabelo enrolado, vai enrolá Nosso Sinhô." (02)

Para a autora, o cabo Roque repete a repulsa da sociedade bem postada ao negro pobre e bêbado ainda que as despesas desse negro ajudem essa sociedade a manter-se rica e poderosa.

Em seguida, analisaremos a "Revista Uberlândia Ilustrada" que retrata a década de 50, uma época próxima àquela descrita por Luis Cláudio, afim de percebermos algum tipo de discriminação quanto ao negro.

(02) ROCHA, Nininha. A Pianista amou sem medo...um grande político! E de peito aberto...Um Negro! ABC Sabe, Uberlândia, 1987, pág. 70

Essa revista traz na capa a foto da Senhorita Roland Salvador. A moça esbelta, nariz afilado, boca bem desenhada, "orna" a capa. Ela foi eleita a "Miss Negra de Uberlândia", no concurso promovido pela revista, com o apoio dos Clubes "José do Patrocínio" e "Zanz-Bar Clube".

A "UBERLÂNDIA ILUSTRADA" mostra a cidade (60.000 habitantes) como progressista, tendo os maiores reservatórios elevados de água da América Latina, a 6ª cidade do Brasil em consumo de gasolina, a 2ª em arrecadação municipal no Estado de Minas Gerais, o maior centro de erradiação comercial do país e o 2º colégio eleitoral do Estado. Com 34 mil eleitores inscritos, enfim ela é apontada como a capital econômica do Brasil Central, onde pelas vias públicas se movimenta um povo operoso que tudo faz para engrandecê-la mais.

No artigo "Uberlândia, Cidade que cresce e progride", fala-se sobre o subúrbio da cidade. Nele se contempla a beleza dos bairros que florescem, mostrando o crescimento vertiginoso da cidade e a beleza do Praia Clube, o Bairro onde é o Patrimônio é abolido do cenário.

Transcreve-se uma carta de liberdade dando alforria a uma escrava de João Pereira da Rocha, provando com isso que eles, apesar de terem recebido muitos castigos, também receberam dos senhores a recompensa pelo que fizeram em benefício destes.

Em outra carta mostra-se o valor de uma escrava, comparado ao valor dos animais de criação da fazenda. Mas a escravidão é hoje tudo tão distante oculto nas brumas do passado, diz a revista.

No artigo "O Negro de Uberlândia", sem assinatura, fala-se que ocuparia do negro atual como elemento de expressão na sociedade. Definem a matéria como ligeira reportagem sobre um assunto de tamanho vulto.

Um competente estudioso forneceu dados estatísticos para a matéria árida. A população preta na província de Minas Gerais no censo de 1872 era de 23,33%, ou 488.455 no total de 2.102.689 habitantes. Em 1890; 18,31% ou 582.988 pretos se situavam entre 3.184.099 habitantes.

A porcentagem devia então regular abaixo de 20% em Uberlândia, tendo em vista a tendência de diluição do sangue negro aumentando o número de pardos, tal fato foi observado no conjunto do Estado de Minas Gerais.

A Estatística do IBGE se torna difícil, pois aqui no Brasil pessoas com 1/6 ou 1/8 de sangue preto são universalmente consideradas "brancas" - fato que é diferente nos Estados Unidos.

Por motivos evidentes, mesmo pessoas de tez nitidamente morenas, quando atingem certo grau de bem estar ou de instrução, tendem a se inserir no grupo que inclui a maior parte da aristocracia econômica e intelectual, o os brancos.

Análogas tendências verifica-se nos casamentos, em geral um dos cônjuges é moreno e outro branco; adota-se para toda a família a cor branca.

"Nas declarações de cor, que se manifesta tanto pela qualificação de branco aplicada em casos para os quais seria mais apropriada a de pardo, como pela qualificação de pardos aplicada em casos em que deveriam classificar entre os pretos" (01)

Os clubes recreativos "José do Patrocínio" e "Zanz-Bar Clube" formados por elementos de maior destaque na sociedade, possuem orquestras próprias, ótimos músicos, salões de dança, promovem festas cívicas e de cunho social.

Os negros mostrados são construtores, chefe de Armazens da Companhia Mogiana com 17 anos de serviços prestados (morador de uma luxuosa residência na Rua Artur Bernardes, 335) que é o Sr. Benedito Nasário, o Grande Otelio e seu irmão Francisco Pinto, o Mário Daniel, comerciante e cavalheiro dotado de excelente predicado moral, o Jerônimo Plácido da Silva, arquiteto e conceituado chefe de família, o Hamilton Santos, alto comerciante de fina educação.

Três professoras posam para a posteridade: Belchiolina Maria de Melo, Aparecida Luiza de Jesus e Regina Mamede. As três dirigem com proficiência as cadeiras rurais de Boa Vista, Conceição de Lima e Brejão.

As candidatas à Miss Negra de Uberlândia - Roland Salvador (pelo Clube José do Patrocínio) e Maria Abadia (pelo Zanz-Bar Clube), ambas possui-

(01) Uberlândia Ilustrada. jun 1956, nº 21, sem página.

doras de perfeitas características de beleza feminina, fugindo do tipo original da raça." (02)

A Legião Negra de Uberlândia na década de 30, organizada por um pugilo de moços idealistas, criaram em 1935 o Jornal de Combate "A Raça" - um ardoroso defensor da causa democrática. Artigo que se encontra nele fala do negro ainda escravizado e arredio sob o imperativo do preconceito. No ambiente de seus grêmios destruirá a teoria da inferioridade racial e conseguirá o seu lugar na sociedade. O preto brasileiro se une para atingir o lugar de simpatia no ambiente coletivo em que tenha de exercer as suas atividades.

Picamos estarelecidos diante da postura altamente racista dos artigos escritos nesta revista. Apenas ressaltamos alguns elementos que por si sós expressam o preconceito para com a raça negra:

1º) Uma escrava recebeu de seu senhor a recompensa pelos serviços prestados 2º) A escravidão, hoje (1956) é algo totalmente distante 3º) A matéria, uma ligeira reportagem sobre um assunto de tamanho vulto 4º) Define-se um artigo como sendo uma "matéria árida" 5º) A população preta da Província de Minas Gerais em 1872 era de 23,33% 6º) Tendência de diluição do sangue negro 7º) Os clubes recreativos são formados pelos elementos de maior destaque da sociedade 8º) Os negros mostrados através de fotos têm bons cargos e são respeitados 9º) As candidatas à Miss-Negra foram do tipo original de raça 10º) A Legião Negra de Uberlândia, organizada por um pugilo de moços idealistas.

(02) Idem, sem página.

Em uma leitura da "Revista Flash", sendo três de 1988 e duas de 1989, foram abordados os seguintes temas:

- 01- Inauguração de empresas (Ellus, Fernanda Flores, Thiara, Motorauto)
- 02- CONCURSOS realizados no Ubershopping e o clima de alegria;
- 03- Separação Conjugal - O preço de uma decisão (pai, mãe e filho sorridentes e enfiados em roupas elegantes);
- 04- Entrevista com Ronaldo Caiado;
- 05- Andar, malhar ou correr- preferências de um publicitário, um delegado regional de polícia, um fazendeiro, um engenheiro, um gerente de vendas, dois donos de academias (as maiores da cidade) e de uma pecuarista;
- 06- Noivas: Tradição de Maio;
- 07- Expectativas das Imobiliárias;
- 08- Belos e Acsos - jovens dentro dos padrões da moda;
- 09- Homenagem aos grandes vultos da política de Uberlândia que, a frente com suas idéias arrojadas e modernas, souberam antecipar os anseios de nosso povo cosmopolita e trabalhador. São alguns nomes que a memória da cidade não pode esquecer - advogados, vereadores e deputados, militares, ruralistas, empresários e prefeitos;
- 09- Implante dental: uma realidade?
- 10- A sensualidade em moda;
- 11- O vôo do Albatroz - foto de "Kassler com salada de batatas e medalhão ao molho de escarola"
- 12- Reinauguração da Boite Visage;
- 13- Stress, a hora do Reajuste- os uberlandenses já procuram respostas ao se depararem com um novo tributo, pago em nome do progresso: o stress.

Tem-se uma revista toda composta de empresas, atuação de seus dirigentes e a sua contribuição para a cidade que tem vocação para o progresso e para grande centro cultural e urbano. As referências feitas ao povo são acerca de seu espírito trabalhador, porém sempre guiado pela mente dos empresários, mentores do desenvolvimento.

Sendo a população negra em termos numéricos, grande, procuramos localizar a sua presença nessa revista. E encontramos:

- 01- Milton - sem móveis, sem casa e quase sem família (vítima de uma enchente na Av. Rondon Pacheco), ficando apenas com o videocassete que havia sido encomendado e não chegara ainda.
- 02- Foto do disco de D. Ivone Lara;
- 03- Boa Alimentação, Bom Desempenho (foto onde funcionários da Construtora Centro Oeste-CCO-tomam refeições fornecidas por uma das mais conceituadas empresas do ramo alimentício da região - a Samora & Saraiva.
- 04- ABC-Irmãos Garcia dando bom tratamento aos funcionários (serventes) servindo-lhes lanche.
- 05- As cores em harmonia - a pele negra merece ser ressaltada com os tons café-grafite nos olhos e brilho de vermelho-terra na boca; loiras devem usar pastel, ouro, amarelo, deixando nos lábios o vermelho quase vinho; para as morenas sombra lilás e boca vermelho-laranja;
- 05- Olga Helena entre os demais vereadores;
- 06- Em foto de trinta colegas de Márcio Quércia (primo de Orestes Quércia) dois negros fazem parte da turma de ferroviários;
- 07- Foto de uma equipe da Rádio Educadora na década de 60 e a presença de um violeiro negro;
- 08- Sua Excelência o Sanduiche, um negro em frente ao fogão prepara um deles;
- 09- Entre várias pessoas, um negro espera o ônibus;
- 10- Entre os vereadores que estão pensando a Lei Orgânica, tem-se I - saías Ferreira, um negro.

Em contraposição a essas aparições do negro enquanto figurantes (cozinheiros, serventes tomando refeição, passageiro esperando ônibus) isto é, apenas fazem parte de fotos que se relacionam a uma realização de empresas, uma turma antiga de um político, etc... está a presença da principal reportagem de todos os números da revista que é a história das famílias importantes da cidade de Uberlândia. Nesse histórico não conseguimos detectar a participação negra ou elementos alheios a ela:

- Família Martins - formaram um aglomerado de 14 empresas, incluindo um atacado-distribuição considerado o maior da América Latina. Ele contribui para o desenvolvimento e bem-estar da população;

- Família Carrijo - reparte-se entre comerciantes, industriais, engenheiros, médicos e professores, porém, a maioria permanece fiel ao trabalho rural;

- Família Bouças - vitoriosa como Uberlândia. Ela cresceu junto com o crescimento pujante dessa terra fértil. Hoje exerce sua função em prol de

um bem maior, contribui para que todo uberlandense seja feliz, viva em paz, tenha um trabalho e toda uma condição apropriada para se completar como ser humano.

Destacamos uma Revista Flash em especial por focar o negro em Uberlândia. É uma publicação de Abril de 1988.

A revista segue a mesma orientação das demais. A sua matéria "Banco do Brasil: Meio século de Uberlândia" ocupa quase a metade da publicação e o resto quase é totalmente ocupada por uma entrevista com Ronan Tito. E em duas páginas se fala sobre "Uberlândia, a cidade que nasceu na Abolição"

Se o negro foi a grande vítima de um passado de submissão e opressão, onde as desigualdades eram marcantes, hoje temos uma situação onde há cidadãos livres e aptos a alcançar padrão de vida desejado.

Uberlândia possui negros que se sobressairam. Grande Otelo é uma das maiores expressões artísticas do país.

O negro está conseguindo provar que é tão capaz quanto qualquer outro nos meios empresarial e industrial, no setor bancário, na pesquisa científica, na informática etc, mas, esse é um longo processo de reerguimento, por que foram séculos de submissão e opressão.

Não se cita Olga Helena como a primeira vereadora negra do município, mas como o exemplo do negro possuir representatividade, mesmo sendo só no Poder Legislativo. Sabe-se que Olga Helena luta contra a discriminação do negro, a revista afirmou sermos hoje cidadãos livres e que Olga luta junto a comunidade negra para que ela se conscientize de seu papel.

O professor José Maria da Costa declara que hoje o negro é livre e ele nunca sofreu nenhum tipo de discriminação. Julga haver um total desaparecimento de qualquer tipo de discriminação a partir do momento em que haver a perfeita conscientização do negro.

Mostra-se exemplos de negros que se sobressairam. Laura é modelo, em 1986 se elegeu a Garota Pousada. Conseguiu o 1º Lugar entre 58 candidatas no Concurso "Modelo Pernambucanas Exportação"

Se por um lado mostra o depoimento de Eduardo Elias de Lima, presidente do Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, que denuncia a marginalização do negro na cidade e conta o trabalho desenvolvido para a conscientização sua, por outro lado, diz que "Uberlândia marca presença graças aos Negros". Abaixo do título, três jogadores de futebol - Welves Dias Marcelino (o Vivinho), João Batista dos Santos (o Batis-

ta) e Fernando Henrique Mariano, resumem a sua vida profissional e os clubes onde se encontram são apontados.

Eduardo Elias realizou em 1988 um levantamento dos principais problemas que a comunidade negra enfrenta e chegou aos seguintes resultados: o negro em Uberlândia só consegue o sub-emprego e é muito difícil alcançar a ascensão profissional e mesmo as crianças e adultos não conseguem continuar os estudos, o índice de desistência é altíssimo.

"Hoje, a condição submissa do negro está registrada somente em papéis, ou melhor, nos livros e nos documentos que mostram fatos do passado e que nunca serão esquecidos, mas que servirão de exemplo para as futuras gerações." (01)

Encontramos nesta edição uma mentalidade que acha que o negro é muito talentoso desde que esteja no samba, no futebol, na capoeira ou no carnaval. O mundo negro que abrange toda uma cultura, fica então restrito. Esta é uma postura racista, que até afasta a possibilidade do negro ocupar cargos elevados dentro da sociedade.

Se na "Revista Uberlândia Ilustrada", coloca-se a escravidão como algo totalmente distante, aqui na "Revista Flash" fala-se sobre a "submissão" do negro no passado, revivendo com isso, a idéia de que o negro sempre foi passivo diante de sua condição de escravizado. Afirma-se que atualmente ele saiu dessa passividade. Fecha-se com tal afirmação, os olhos do leitor para qualquer questionamento sobre a marginalização do negro na sociedade brasileira e uberlandense em particular. Dá-se a entender que o negro está consciente e lutando por suas necessidades.

(01) UBERLÂNDIA, a Cidade que Nasceu da Abolição. Revista Flash, Ano I, nº 5
Abr 1988, pág. 26

Jornal Correio de Uberlândia

ANUNCIOS DE EMPREGOS

Data: 06 de Julho de 1988

- "Jornal Correio de Uberlândia admite contato de Publicidade que tenha boa aparência."

Data: 16 de Julho de 1988

- "FACILITA - Crédito, Financiamento e Investimento S/A -
Buscamos pessoas capazes, dinâmicas, que tenham interesse em desenvolver sua carreira profissional na nossa empresa, atuando inicialmente como

"Recepcionista de Crédito"

Requisitos: - Idade Acima de 18 Anos

- Boa Aparência

- 2º Grau Completo ou cursando

- Desembaraço com o público.

- Vendedores para Uberlândia e Região.

Representantes de firmas sulistas, admitem vendedores para complementação de seu quadro de venda. Exige:

Boa Aparência, etc.

Data: 19 de Julho de 1988

- CHOPIZZA está admitindo para contratação imediata, de elementos para ocupar os seguintes cargos:

SECRETÁRIA

(2º Grau, boa aparência, com experiência)

ALMOXARIFE -

(com habilitação e 2º Grau)

FAXINEIRO

(com experiência e apresentação)

Data: 29 de Julho de 1988

- Vendedores - BUNNY's está admitindo vendedores com prática e boa aparência. Interessados deverão comparecer à Av. Afonso Pena nº 257, c/ Sr. Gilberto.

Data: 07 de Dezembro de 1988

- Precisa-se de moça de boa aparência para trabalhar com cartão Credit card. As interessadas deverão procurar Ângela no Hotel Universo dia 8 de Dezembro.

- Representante Técnico - Empresa Distribuidora de artefatos de borracha e vulcanização, reformulando seu quadro de vendas, admite para as cidades de Goiânia, Brasília e Uberlândia

REPRESENTANTE TÉCNICO

Exigimos

Idade: 25 a 35 anos

Boa Aparência, etc.

REPORTAGENS

Data: 07 de Julho de 1988

="Segredo do progresso está no trabalho"

Fala-se de Uberlândia, uma cidade progressista, graças ao povo trabalhador. A matéria mostra uma varredora de rua, uma mulher negra, que está trabalhando na rua, após ter deixado o aconchego do lar para ganhar o seu salário e cooperar com o progresso da grande metrópole.

-Data: 16 de Julho de 1988

"O Samba no pé"

O Grêmio Recreativo da "Escola de Samba Unidos do Luizote" quer fazer bonito no carnaval de 89.

-Data: 19 de Julho de 1988

"líder negro foi aclamado nos seus 70 anos"

Com relação a Brasília homenageando o líder negro sul-africano Nelson Mandela.

-Data: 26 de Julho de 1988

"Câmara Patense homenageia o negro patense"

Dia 5 de agosto será homenageado um número de 200 cidadãos da raça negra que prestaram relevantes serviços para a comunidade.

Data: 29 de Julho de 1988

- "Olga Helena solicita recursos para término da casa do negro"

A vereadora do PMDB informa, através de telex, ao Deputado Federal Constituinte Luiz Alberto Rodrigues, que a casa do negro se encontra em fase inicial de construção.

Nota-se neste jornal que as empresas colocam anúncios de oferta de emprego, fixando como requisito a "Boa Aparência". Este é um indício de que as empresas levam em consideração a cor do candidato a um emprego. Muitas pessoas são previamente eliminadas, pois sabem que na maioria das vezes, a "boa aparência" está expressa na cor branca.

No espaço de dois meses que consultamos o Jornal, isto é, sessenta e uma publicações, utilizamos o critério de escolhermos dois meses próximos à promulgação da Constituição de 1988 para verificarmos a frequência com que aparecem aqueles anúncios. Percebemos que após a Constituição, cai o número destes anúncios, levando-nos a crer que a colocação pela Constituição do racismo como crime inafiançável, influiu nessa diminuição. Teria sido uma forma sutil das empresas em evitar transtornos, ou apenas coincidência, visto o reduzido número de jornais consultados?

Nas reportagens não se percebe a presença do negro enquanto agente atuante na sociedade uberlandense. Apenas no primeiro semestre de 1988, quando a vereadora Olga Helena divulgou bastante a atuação do MONUVA (Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta), bem como a realização por esse movimento de vários eventos. No segundo semestre, a presença negra no jornal evaporou.

No mês de julho, referiu-se rapidamente, a atuação dos negros em outras cidades. Em Uberlândia, mostrou-se um pequeno anúncio da "Escola de Samba Unidos do Luizote" e o fato de uma negra que, deixa o lar para limpar a cidade, a grande metrópole uberlandense.

No mês de dezembro, não detectamos nenhuma presença negra no jornal. Dessa forma não pudemos analisar a sua participação em nossa sociedade, bem como as dificuldades encontradas por ele dentro das relações sociais, pois o negro não faz parte do Jornal Correio de Uberlândia.

Definição de Preto

P. Quando preto é bonito?

R. Quando chega atrasado no serviço e o chefe diz: Bonito hein...

P. Por que os pretos dos Estados Unidos são melhores que os do Brasil?

R. Porque estão bem longe.

P. Quando preto é gente?

R. Quando entra no banheiro e alguém bate na porta, ele responde: tem gente.

P. Quando preto voa?

R. Quando cai da construção.

P. Quando preto toma laranjada?

R. Quando sai briga na feira.

P. Qual a diferença entre um preto e uma latinha de merda?

R. A latinha.

P. Quem se parece mais com o macaco, o preto ou o branco?

R. O branco, porque o preto já é igual.

P. Por que o caixão de preto só tem duas alças?

R. Você já viu lata de lixo com quatro alças?

P. Qual a diferença entre o preto e o cancer?

R. O cancer evolui.

P. Porque caixão de preto tem buraquinhos?

R. Para os vermes vomitarem.

P. Você sabe salvar um preto do naufrágio?

R. Não... Ótimo, um a menos.

P. Entrou um cachorro na igreja e mijou no canto do altar, qual era a cor do cachorro - preto ou branco?

R. Branco. Se fosse preto teria cagado.

P. Por que o preto tem a palma das mãos e a sola dos pés brancos?

R. Porque quando os pintaram, estavam de quatro.

P. Qual a semelhança entre uma preta grávida e um carro com pneu furado?

R. Os dois estão esperando um macaco.

P. Qual a diferença entre poluição e solução?

R. Poluição: um preto afogado. Solução: todos.

P. Você pode pensar que eu sou racista.

R. Pois está enganado, porque preto não é raça.

P. Por que preto usa salto alto?

R. Para não raspar as mãos no chão.

P. Quando preto anda de carro?

R. Quando vai preso.

P. Quando preto come carne?

R. Quando morde a língua.

P. Por que preto só come chocolate branco?

R. Para não morder os dedos.

P. Por que preto é igual a papel higiênico?

R. Porque quando não está no rolo, está na merda.

P. Quando preto sobe na vida?

R. Quando explode o barraco.

P. Por que preto gosta de ser crente?

R. Para chamar branco de irmão.

P. Por que preto não erra?

R. Porque errar é humano.

P. O que significa um preto andando de bicicleta com um cruceiro na mão?

R. Nada. Porque bicicleta não é meio de transporte, um cruceiro não é dinheiro e preto não é gente.

P. Por que preto gosta de andar na faixa de segurança?

R. Porque só assim ele consegue pisar em cima de branco.

P. Quando preto vai à escola?

R. Quando está construindo.

P. O que Deus falou quando fez o segundo preto?

R. Ih! ... Queimou de novo.

P. Quando preto toma banho?

R. Quando chove.

P. Por que o mundo é redondo?

R. É para preto não cagar nos cantos.

P. Por que preto não pode ficar parado nas esquinas?

R. Porque preto é suspeito.

P. Por que preto não pode correr?

R. Porque preto correndo é ladrão.

P. Sabe porque preto tem que tomar cuidado?

R. Porque a Lei Áurea foi assinada à lapis.

Piada sobre Preto

Quando Deus estava criando o homem, como sempre o capeta ficava escondido, para ver e fazer também. E quando Deus fêz o branco, Deus disse:

- Levanta, cristão, vá fazer boa ação.

O capeta, mais que depressa, saiu para outro lado e fez também. Só que na hora de falar as palavras ele disse:

- Levanta, tição, e vá fazer confusão. (01)

Estas piadas, tais como tantas outras que circulam pela sociedade, assim como lendas populares, histórias infantis, romances, veicularam certas idéias de que pelo fato de ser negro, ele é inferior, incapaz e ignorante. Estas idéias fizeram com que o negro introjetasse em seu inconsciente que ele realmente possui estes atributos.

CAPITULO III

O Branco vê o Negro e o Negro relata a sua Experiência

"Lá no Banco do Estado do Paraná, somos 23 funcionários, sendo um deles negro. Certa época ele seria promovido a caixa, porém o chefe se recusou a promovê-lo alegando falta de competência para o cargo. Acabou sendo promovido a chefe de serviço e trabalha sem ter contato com o público. Os colegas não o julgam competente, eu pessoalmente também não. Ele constantemente declara: vejam só, quem diria, nem acredito, eu estou nesse cargo. Eu? Um chefe?... Sabe, eu particularmente acho que o rapaz nem acredita em sua promoção, é muito prá cabeça dele ter chegado onde chegou. "

"Minha mãe jura de pés juntos não ser racista, mas já disse lá em casa: se alguém se casar com uma negra será a maior desgraça da vida dela, será' o maior desgosto. Um tio meu se casou com uma mulher negra e foi a maior ' decepção prá família. Minha avó nunca se conformou, tiveram tanto problema' de convivência que meu tio se mudou prá Goiânia. Engraçado que trouxeram u mas primas até bonitinhas prá nós. "

" O dia hoje está quente, principalmente com tanta mulher escura na rua, a coisa esquenta mais. A mulher negra é muito mais quente, o bicho pega fogo. Enquanto eu era moço eu nunca fiquei com uma nega, nunca tive coragem . Quando eu era moço dançava com elas. Só que quando a bicha esquentava, o suor escorria, eu num aguentava, era aquele CC insuportável, entrava na goela e ficava parado na garganta e num saia mais. Colega meu já pegou, eu ... nunca tive coragem. Se bem que hoje o asseio está geral, pode vê que as neguinhas tão cuidadas mesmo. Antigamente agente nem conseguia ficar perto ' dos negros. A hora que agente chegava perto, recendia. Sei lá, tá na pele, não tem jeito. "

" Eu tenho amigos negros e o nosso relacionamento é normal. Eu apenas a cho que eles tmbém não se gostam. Tenho um amigo negro, aliás, não é tão ne gro, que detesta preto. Para ele, ele não é da raça. Se alguém faz uma brinca deira sobre sua cor, ele briga, fica uma fera. Prá mim mesmo já disse: veja'

o meu cabelo, ele não é de negro.

Agora o problema em cidade pequena é bem mais grave. Quando eu morava em Tupaciguara, chegou um gerente negro no Banco do Brasil. Então foi um escândalo, ninguém entendia como um negro podia ser gerente do Banco do Brasil. "

" Não sou contra os negros porque somos todos iguais. Mas você pega e faz amizade com um deles. Não te dou três meses e acontece o seguinte: pode até ser que cheguem a ter uma dessas amizades sinceras, porém logo ele começa a querer aparecer e ser mais que você. Outra raça em que acontece a mesminha coisa é com os nortistas. Pensam que são melhores e gostam de aparecer. "

" Outro dia um negro estava no ônibus Pacaembu. O ônibus estava quase es-
tourando de tanta gente, o preto estava meio bêbado e falou: esse ônibus tá parecendo sardinha. Outro cara respondeu: então não tem problema - não existe sardinha preta. "

" Já morei no sul do Paraná, divisa com Santa Catarina em uma cidade de aproximadamente mil habitantes: General Osório. Em primeiro de maio de 1975 cheguei lá para trabalhar na M. Martins Engenharia e Comércio Ltda. Os meus colegas constantemente relatavam casos onde o racismo aparecia nitidamente. Ao passarem pelas ruas onde crianças brincavam, não sobrava nenhuma, todas corriam pra suas casas ao notarem a aproximação de negros. Eles contavam o caso e até se divertiam e atribuíam a isso o fato de terem a pele diferente, bem diferente da pele dos poloneses e seus descendentes.

Na cidade havia apenas um clube e os bailes eram frequentes. Os meus amigos morenos, que não eram negros, mas morenos, jamais conseguiram dançar. As moças os recusavam. Eu mesmo, que sou moreno graças à descendência de índios, morei na cidade e nunca consegui falar com uma moça.

Porém, eu procurava não dar importância àquilo. "

" Pode observar, negro é incompreendido. Outro dia na rodinha de amigos, eu disse: lá vem uma meninas, olha que gracinhas. Ai eu mexi com elas. Olharam pra nós, riram e até agradeceram. Tive uma idéia ao notar a chegada de algumas negrinhas no lugar. Falei pros colegas, agora vamos comparar. Não "

deu outra. Elas passaram e eu mexi. Prá quê. Xingaram, praguejaram. Não tem jeito, são encrenqueiros mesmo. "

"Prá mim somos todos iguais. Não tem isso de branco, negro, rico ou pobre. Aqui em Uberlândia não há diferenças. Vou contar, se meu filho quisesse casar com uma negra, eu diria, olha meu filho, olha direito quem é a família. Mas, não que eu seja racista, acontece que a gente tem que pensar pelos outros também e os outros não aceitam essa cor. Então aconselharia meu filho a ver quem é a moça, que ele teria problemas com a sociedade. Sabe, até que tem muito preto por aí com alma de branco, agente tem que olhar isso também, tem gente boa também nesse meio.

Agora dar carona a um preto é difícil, hoje não se pode confiar em pessoa nenhuma. Sei não, esse problema é difícil. Esse negócio de negro é assim: se chegar um aqui, eu já fico assim meio de aviso, não é a mesma coisa que um branco. Esse problema existe com a gente mesmo. Imagino que ele nem procure empregos melhores porque se sente humilhado, sabe que não contratam pretos. Então ele procura serviços mais rudes, serviços pesados. "

" Já trabalhei como garçon. Atualmente não existe restrições aos negros. Eu que sou assim moreno, morenã, não sou assim negro não é? Sou bem claro e sempre fui bem tratado como garçon, todos os freguezes me tratavam com a maior educação, seja branco ou seja negro.

Alguns negros que frequentam o Praia onde já trabalhei um tempinho, mas são negros finos, da maior educação. É claro, desde que frequentam o clube é porque são ricos. Eu nunca tive problema nenhum e nunca fiquei sabendo de nada no clube. "

" No local em que eu trabalho, tenho um colega negro, assim meio misturado, mas a sua cor é preta mesmo. Sinto-me constrangida em presenciar diariamente o falatório de piadas envolvendo a sua cor: -Olha, parece aqueles negros do Luizote, eles se confundem com o asfalto; é ruim mesmo de serviço, já sei porque, ele é preto; cuidado, eu não mato homem branco, só mato preto' prá ser menos um a cagar na saída; nego já é difícil de aguentar, hoje que o Flamengo ganhou então, haja paciência. "

"Fiquei chateada outro dia. Sentado perto de mim estava um rapazinho "

negro acompanhado por um colega branco. Nisso, passou por nós uma moça de ' corpo muito bem feito e branca. O rapazinho ficou olhando prá ela. Seu colega logo foi avisando: deixa disso, essa mulher, só prá você olhar, você tem que pagar imposto. Prá você pegar na mão, tem que ganhar na loto, sozinho e duas vezes. O rapazinho riu e o assunto morreu. "

" Eu trabalho na Onogáz, mas não sei como a direção da empresa vê o problema do negro entrar nela prá trabalhar. Creio que não discrimine, pelo contrário, quando eu entrei aqui, o pessoal dizia que aqui era uma negaiada da nada, era a loja da negaiada, pois tinha o maior número de negros trabalhando. Atualmente são poucos. Tem a Vera na loja de baixo, um rapazinho no depósito, um vendedor lá perto do Cine Bristol, que não sei o nome e... É, acho que das quatro lojas, são só eles.

Não sei se a sociedade lhes dificulta as coisas, mas os maiores culpas dos são eles próprios. A maioria não se esforça, são preguiçosos e não querem trabalhar. O cara que trabalha perto do Cine Bristol, é negro e estuda, já vi comentário que é muito inteligente.

O problema dos negros aqui em Uberlândia acho que é pior que nos outros lugares. Sabe porque? O problema é com eles mesmos. Eles sempre querem dar a impressão que são os melhores, querem aparecer. Etas neguinhas impertinentes e fgozas. Querem aparecer mais que os brancos. Eu tenho uma concunhada, a Joana. Precisa ver. Só de ser negra eu já olho prá ela inteira e penso: ô neguinha feia, das canelas finas, o corpo inteiro dela é feio, coitadinha! Acontece que ela é feia mesmo, tudo é feio nela.

Aqui é bem pior porque eles sempre querem aparecer. Eu sou de Goiana, cidade pernambucana. Lá tinha bem menos negros em comparação com Uberlândia. Lá, os negros sempre andavam com os negros mesmos. Amigas minhas, que eram negras, não andavam comigo na rua, elas evitavam. Se andassem junto com os brancos, todos ficavam olhando assim de lado. A minha mãe não gostava de negros. Ela dizia: eta raça desgraçada. Minha avó então não tolerava, negro prá ela só na cozinha. Sabe que esse pensamento de rejeição do negro por nós veio sendo passado de geração para geração? Meus avós não os suportavam, a minha mãe também não gostava deles.

Lá em Goiana eu tive amigas negras. As vezes eu as chamava prá ir em Recife e nem adiantava. Prá elas, não dava prá ir em Recife - nós, essas neguinhas, não dá prá ir não. Não temos estampa prá essa coisa não.

Aqui em Uberlândia, vivi uma situação muito engraçada: resolvi, por que eu não sei, ir à festa do Rosário. Cheguei lá, tudo bem, nada de anormal. Apenas que, decorrido um tempo, não é que surgiu um povão negro, que eu pensei: Meu Deus, onde estou, pensando que até tivessem colocado fogo na mata e a negaiada tivesse fugido de lá e aparecido ali. Aí eu pensei: deixa eu ir..."

Todos estes depoimentos foram coletados nas ruas, em conversas de amigos, em nosso local de trabalho, entre familiares. Aquelas pessoas que fizemos perguntas acerca do preconceito racial, mostraram-se arredias e temerosas em se comprometerem, mas com o decorrer da conversa, acabaram por manifestar os seus pensamentos.

Gorete, funcionária da Onogáz, admite-se como preconceituosa, mas atribui isso ao fato de ter herdado o preconceito de seus pais, que por sua vez também herdaram dos pais. Ela se refere aos aspectos físicos de uma concunhada, atribuindo-lhes apenas coisas feias.

Na verdade, estabeleceu-se que o branco é o bonito, todas as atrizes e modelos passam a beleza sob o ângulo da estética branca, tudo que foge e é diferente disso; ter por exemplo, um certo número de manequim, ser mais gordo ou menos, é tido como feio. A televisão se encarrega de explorar muito estes padrões de beleza. Assim, a gordinha se esforça, quase se mata, passa fome para emagrecer e poder usar uma calça Jeans que ela comprara vários dias antes, mas que não podia usar devido a gordurinha perfeitamente normal.

Para as vendas estourarem no mercado, certos bronzeadores soltam levadas de comerciais, utilizando-se de mulheres lindas, lindamente bronzeadas.

Tanto Gorete, quanto tantos outros que se referiram preconceituosamente acerca do negro, passaram pelo mesmo processo: a televisão, propaganda, novelas, revistas e livros vêem com maus olhos o negro. Ele sempre desempenha papéis de mendigo, empregado, jogador de futebol.

Apontaram o negro como alguém que não se interessa em estudar. É necessário lembrar que ele vive uma contradição: ele é servente pedreiro na construção das escolas, mas é analfabeto e não tem condições de enviar os seus filhos para as mesmas escolas que construiu. O grau de escolaridade entre os negros é baixo e uma minoria insignificante frequenta a universidade.

Um senhor chamado Osmar dizia que a negra é muito mais quente. Corre na sociedade que o negro é impulsivo, de sangue quente e bom para o sexo. Já nos referimos ao fato de que na escravidão, a mulher escrava servia a vários homens e ao senhor inclusive, permitindo que essa idéia viesse se alastrando pela história, interpretada pelo lado de potência sexual.

Bruno, um funcionário do Banco do Estado de Paraná relatou sobre um colega que não conseguiu ser promovido a caixa, por causa de sua incompetência, mas foi promovido posteriormente a chefe de serviço, cargo que não lhe exige o contato com o público.

Se um empregador alega falta de capacidade de um negro, que ele é inferior, deve-se ressaltar que não existe base científica para afirmar que uma raça é superior à outra. Acontece que os homens e seus interesses é que fazem a divisão, o que interessa é manter uma população inteira sobre o seu domínio, fato que aconteceu com a escravidão.

É claro que não temos informações para falar se aquele funcionário tinha ou não condições no momento para desempenhar a função de caixa, mas deveria tê-las, pois foi promovido a outro cargo.

José, um ex-garçon do Praia Clube, afirmava que lá frequentam pessoas negras, mas negros de fina educação e ricos. Poderíamos dizer que antes de haver a discriminação contra o negro, já há a discriminação contra o pobre. Sendo rico e negro, a situação se modifica... De início, ele tem o dinheiro para frequentar o local.

" Quando vim para Uberlândia, percebi a existência de um racismo muito forte. Em reuniões com trabalhadores rurais, Adão, um bóia fria, desabafava a sua mágoa: nas viagens até as lavouras, todos eram transportados de forma precária em caminhões, porém, para eles, os negros, restavam os piores lugares.

Em abril de 1986, ao entrar no Edifício do Credireal na Praça Tubal Vilela, para visitar uma amiga e dirigir-me para o elevador, fui advertida pelo ascensorista que deveria procurar o elevador dos fundos e não subir por aquele. Na ocasião eu carregava uma sacolinha, essas pequenas de papel do tipo que compramos nas Lojas Americanas, nas quais todas as pessoas carregam pequenas coisas. Dava prá perceber que eu não estava carregando compras. Se eu tivesse feito feira, então eu realmente deveria utilizar o elevador de serviço realmente.

Insisti com o rapaz para que ele me justificasse a sua atitude. Nisso chegou a pessoa que trabalha com minha amiga, digamos assim, espécie de governanta. Ai já estava armada a movimentação e eu insistia com o homem para que esclarecesse a sua proibição com a minha subida no elevador. Eu não conseguia resposta. A ajudante de minha amiga então, desafiando-o, disse: - você não a deixa subir por ai porque ela é uma negra, não é mesmo?

Foram feitas reuniões com o síndico e meus amigos sugeriram que eu denunciasses o fato nos meios de comunicação.

Passado algum tempo, em julho de 86, participei de uma reunião com o pessoal negro do Bairro Bom Jesus. Coloquei-lhes o fato ocorrido. Disseram-me: você está assim é porque mora na cidade faz pouco tempo. Esta prática discriminatória é comum. Podemos até enumerar-lhes os prédios e locais onde os negros não podem entrar normalmente sem problemas.

Em setembro do mesmo ano realizamos novamente reunião onde discutimos casos de racismo.

O nosso grupo "Consciência Negra" fundou em 20 de Novembro, dia da Consciência Negra, uma Academia de Capoeira que funciona até hoje. Desde o ano de 1986 até hoje. Um rapaz assumiu o projeto da academia. Tivemos o pro

blema da falta de espaço, falta de material e de dinheiro.

Em 1988, devido a força do movimento negro, conseguimos que a Campanha da Fraternidade incluísse um tema relacionado aos negros. Tivemos então a campanha com o tema "Ouvi o Clamor desse Povo". Entendíamos que a campanha deveria ser autêntica, reunir músicas feitas por nós, por negros e essas músicas cantadas nas celebrações deveriam ser impregnadas de ritmo negro. ' Percebe-se porém, músicas sem este ritmo. Apenas no canto inicial, há um ritmo africano.

A Igreja em Uberlândia propôs ao negro a sua participação para impulsionar a realização da campanha. Notamos aí uma atribuição a nós de responsabilidades quanto a isso, no entanto ficou apenas por aí, a igreja deixando prá nós o trabalho. O pessoal olhava meio assim... participávamos das missas, entoávamos ritmos nossos, tocávamos batuque e até dançávamos de roupas rodadas, aquelas saias rodadas. Enfim, nós animávamos a missa. Atendíamos chamadas em escolas para a discussão sobre a campanha.

Temos na Diocese de Uberlândia, três religiosas e tres padres negros. Alguns deles mesmo tendo traços bem negros, não se assumem enquanto tal. Eles não tocam na questão, deixam-na de lado, como se nem fossem negros. Na - aquela campanha agente percebia isso.

No Direito da UFU, temos um número de 900 alunos entre os quais 8 a 10 são negros. Outro dia, conversando na Assistência Judiciária com alguém, tal pessoa afirmava não existir racismo aqui em Uberlândia, porém ele não queria pensar nisso, prá ele não há racismo e pronto. Devo lembrar que se há 10 alunos negros no Direito, 2 são africanos, vieram de longe.

A questão negra passa por "Classe e Raça". O negro caminha até certo ponto e passa prá outra classe, então não se lembra mais de seus problemas originais. Lembro-me de um encontro onde foi cobrada de Clóvis Moura uma maior participação, pois ele faz parte de certa pasta em Ministério da República. Contou para as pessoa que ele, um negro, estando tendo essa participação no poder, encontra tantas dificuldades e barreiras pelo sistema que ele vê seus empreendimentos inviabilizados.

Como eu dizia, o problema em que se encontra o negro relaciona-se ao fato de que ele é sempre colocado em classes baixas e pobres. A sua raça determina a sua classe. Assim é que desde criança eu fui atingida pela fatalidade com que os próprios negros veem a situação. Ainda em criança eu escutava de minha mãe: -minha filha, cuidado, você é pobre e negra.

Aquilo ficava na minha cabeça:

"Minha filha, cuidado, você é pobre e negra."

Quando eu retornava da escola toda lastimosa porque um colega me chamara de menina dos cabelos de bombril, meu pai se bronqueava:

"Nunca mais quero ver você chorando porque um colega te chamou de menina de cabelo de bombril."

Acontece o seguinte: crescemos mais em contato com a mãe. As palavras de minha mãe ficaram mais presentes em mim. Influenciaram-me mais que aquelas palavras de meu pai.

É o tipo de coisa que a gente carrega por toda a vida, pela vida afora. É difícil de nos livrarmos. Dessa forma, até hoje ao entrar em um prédio, aquilo está presente.

Da mesma forma aconteceu com muita gente. Mas muitas pessoas me ajudaram a dar passos. Penso em outros com os quais também houve quem ajudasse. Penso na senhora Terezinha, uma faxineira da UFU. Através do movimento negro, ela diz ter adquirido consciência. Se antes sentia-se afetada por ser negra, agora não se julga feia e incapaz. Gaba-se por ter consciência e proclama querer passá-la prá todos os negros.

Esse pensamento que ela tinha quanto a beleza e competência (os atributos físicos que ela julgava não ter) isto é, estereótipos tidos quanto ao negro, estão bem retratados em "Rosário dos Homens Pretos", uma coletânea de ditados, frases, piadas levantadas por Frei Chico na Região do Jequetinhonha em Minas. Assim é que através dessas piadas e idéias tidas pela sociedade quanto ao negro é que D. Terezinha passou a vida inteira sendo condicionada a se julgar feia e incompetente para o trabalho, devido ao fato de ser negra.

Não posso colocar sobre as pessoas a culpa por elas serem racistas. A discriminação está impregnada na mente das pessoas. No Mês passado, dezembro de 89, na véspera das eleições, eu estava na Uberfrango quando uma madame discutia com algumas pessoas sobre o depoimento da ex-mulher de Lula quanto a este não gostar de negros. Os funcionários do comércio pareciam ser eleitores de Collor. Defendi então o candidato Lula. A madame ponderou que os intelectuais é que votam em Lula. A sua filha, por exemplo, é universi

tária e votaria em Lula. Eu também deveria ser uma intelectual, visto que eu votaria neste candidato.

Logo a madame me perguntou se eu não conhecia alguém ou se eu mesma não queria ir trabalhar prá ela como cozinheira, pois ela estava sem quem lhe fizesse o almoço. Respondi-lhe: Olha, se você me pagar um salário digno e compatível com o trabalho, quem sabe o mesmo salário que eu recebo, então quem sabe... Ela me perguntou: quanto você ganha? Eu lhe disse: mais de uns quatro salários, sou estagiária de Direito também. A mulher ficou sem graça e despediu-se e foi tratar do seu almoço pessoalmente.

Então me desabafei: estão vendo? Esta mulher nunca me viu em toda a sua vida e já me chama prá ser cozinheira.

É claro que ser cozinheira é ter uma profissão muito digna, mas logo me foi atribuindo função ligada ao fato de eu ser negra, como se o destino do negro no Brasil fosse ser explorado e servir.

Em outra ocasião, passando em frente a uma ótica, sei lá se a mulher se simpatizou comigo, não é que ela me abordou e perguntou-me se eu queria ir cozinhar prá ela? Se lá fosse uma moça loira que passasse, ela não faria essa proposta.

A história de minha congregação carrega também um passado onde está presente a questão racial. Eu sou uma "Missionária de Jesus Crucificado". A nossa ordem data de 1928 e nasceu em Campinas, São Paulo. Estava expresso em seu regulamento a não aceitação de negras. Ela era composta de duas classes: Coristas e Oblatas. As coristas tinham contato com o povo e trabalhavam na evangelização. O grau de instrução exigido delas era o primário. Já as oblatas não tinham contato com a população e sua função se restringia às paredes da congregação. Dedicavam-se as atividades domésticas: lavar, passar, limpar e cozinhar.

Iniciou-se a entrada de negras na ordem da seguinte forma: aquelas moças ricas que tiveram durante toda a vida as suas criadas para ajudá-las, entravam para a congregação e levavam-nas para continuar a trabalhar prá elas. Assim negras começaram a entrar para a ordem.

Elas somente poderiam enquadrar-se na condição de oblatas. Uma moça baiana e negra por exemplo, que tivesse educação boa, tocasse piano, etc... e ela ingressava na condição de oblata. Essa restrição provocava para elas uma regressão.

Considero uma regressão não levando em conta o fato de servirem como

oblatas, que também tinham uma tarefa útil, mas devido ao fato de não contribuírem em nada na missão da evangelização, nem estudarem e contribuírem com o que tinham para as pessoas.

Chegou o momento em que essa restrição foi abolida. Essa mudança se deu de forma violenta. Mulheres que viveram toda sua vida na condição de serviçais, passaram por um curto período de treinamento e foram jogadas na missão de evangelização, isto é, sem o devido preparo.

Hoje, todas, independente de cor, são respeitadas. Parece-me um pecado cometido pela congregação em ter dividido as pessoas em categorias daquela forma.

Deu-se muitos passos, mas ainda temos falhas. Hoje somos 1.200. Deste número, 30% são negras, quer dizer, somos 400 negras. Temos uma Coordenação Geral e nove Coordenações Regionais. Elas abrangem 5 pessoas em cada. Eu nem preciso dizer que nenhuma negra faz parte desse comando. Tivemos um encontro nacional em Salvador e discutimos vários temas. Fiquei pensando com mágoa em tantas negras vivendo como oblatas, permanecendo uma vida inteira impedidas de estudarem, ficando apenas restritas a servirem.

Esta era uma situação de discriminação. Em nossos encontros do "Consciência Negra", tantas discussões foram feitas. Quantas reuniões, eu cheguei ao seu final com dor no peito de tanto falar. Elas eram difíceis. Sempre reunimos muita gente. Os fatos eram muitos e todos queriam relatar as suas experiências e compartilhar. Tanta gente reunida, criança chorando, conversas de todo lado e a alegria compunham o quadro das reuniões.

Compreendemos que o preconceito racial passa pela educação e tem as suas origens nela. Foi assim que iniciamos uma pesquisa na "Escola Estadual Segismundo Pereira", localizada no Bairro Santa Mônica. A pesquisa abrangia a população negra inscrita na escola. Escolhemos esse bairro devido a grande população negra encontrada nele. Observamos que, se na 1ª série havia um grande número de alunos negros, já nas demais séries, esse número ia progressivamente caindo. É claro que a evasão escolar faz parte da realidade do ensino, no entanto, observamos que o seu índice entre os negros é maior, visto que se mesmo os dados oficiais do IBGE, dados muito duvidosos, apontam a população negra como sendo 44% da população brasileira, logo ela apresenta um número muito pequeno de alunos negros nas turmas de 5ª séries observadas naquela escola: 1 ou 2 alunos por turma.

Na pesquisa, adotamos o seguinte procedimento: assim que entrávamos

nas classes, perguntávamos quantos alunos que ali estudavam, eram negros. A prontidão com que indivíduos com traços negros menos marcantes, apresentavam-se como negros era bem maior que a prontidão com que elementos negros com características marcantes, respondiam nossa pergunta levantando o dedo.

Sinto-me angustiada com a situação. Naquela escola uma professora negra não se assumia como negra. Não posso atribuir a culpa às pessoas não negras, a culpa pelo racismo. Elas incorporaram muitos preconceitos quanto ao negro. Minha sobrinha que não mora aqui, saía de casa e ia prá escola de condução paga por minha irmã. Ela ia acompanhada por outras crianças. Certo dia a criança se negou a continuar indo nessa condução, mas não declarou o motivo. Depois de muita insistência, minha sobrinha contou que seus colegas lhe perguntavam sempre de um tempo prá cá, porque ela era negra. Seus colegas a achavam diferente.

Minha irmã pensou em deixar prá ela sozinha a solução do problema. Aconselhei-lhe a dialogar com a filha e ensiná-la a gostar de sua negritude, afinal de contas a fala e a influência de minha irmã ajudaria no caso.

Acima de tudo, o negro é alegre por natureza e organizativo também. A alegria, como dizem, serve-lhe para abafar a dor e sair disso para a melhor. Diz-se também que quando o negro é triste, ele o é realmente. Percebe-se em seus olhos. "

" O nosso movimento "Consciência Negra" nasceu assim, timidamente nas casas, em reuniões onde rezávamos e batíamos papo. A Irmã Emília participava também. Os encontros continuaram e estamos aí.

É preciso dizer: o meu "eu negro" não está qui, na pele não! Ele é raça, é o que está aqui, bem dentro, pulsando. É por isso que em nossos encontros cantamos muitas canções, onde entoamos: sou negro sim... sou negro lindo!... Nós assumimos nossa negritude para liquidarmos com os estereótipos produzidos contra nós. Lutamos contra a idéia de que o negro é o burrão, o incompetente e chegado a um serviço mal feito, aquele que quando não suja na entrada, suja na saída.

A vida para nós não é fácil não. Eu sei que até posso casar com um homem branco. Se eu deixar aqueles atributos de minha raça, a alegria, o falar alto, a espontaneidade e, adotar aqueles comportamentos da mulher branca: tudo certinho, então sim, poderei ser uma boa nora.

Se eu ficar comportadinha, lavar, passar, deixar suas camisas passadinhas, esperar ele com o jantar pronto na mesa, aí certamente a mãe dele dirá: olha, eu tenho uma nora, sabe, que é negra, mas é uma boa nora. Agora, se eu me soltar, um certo dia, resolver tomar uma cerveja, rir alto e escapolar um pouco da lida doméstica, ah, então, sai da frente, é um quebra-pau, a mãe dele dirá: aquela negrinha da minha nora, ela não presta de jeito nenhum. Isso se eu fizesse pequenas coisas que para a mulher branca é perfeitamente normal fazer.

A proposta do nosso movimento é promover o negro e os seus valores, levar o negro a assumir a sua raça. Sabe, negro é inteligente, é trabalhador, é honesto, negro é bonito, é bonito sim. Ele é capaz porque é inteligente. Não queremos pintar uma imagem de santo para o negro não. Nós aceitamos que há entre os negros, gente que não presta também, assim como há entre os brancos. Mas a imagem negativa é passada mais acerca do negro. O grupo quer mostrar que não é só o negro que é assim.

Infelizmente, os meios de comunicação reforçam essa idéia. O negro sempre aparece como o bandido, o ladrão, o que não presta. As novelas o mostram sempre em condição desfavorável, ele é sempre o empregado explorado e submisso.

Se Zaire e Virgílio roubam, isso não é tão explorado pelos meios de comunicação. Mas quando se denunciou Wagner, o prefeito de Uberaba, a imprensa explora demais o assunto, isto é, não estou querendo dizer que ele não tivesse culpa não, estou dizendo que fala-se demais nestes casos envolvendo os negros. Por exemplo, fala-se demais de um negro que ocupa algum cargo de status, e que teve um passado problemático. Se tratarmos de alguém como Col lor, nada é veiculado, fica por isso mesmo.

Até hoje está preso como envolvido na morte daquela engenheira, um negro. Na época, ele estava inscrito como aluno de engenharia no Rio de Janeiro e há provas de que ele assistia aulas no dia do assassinato. Ele está preso até hoje.

Se eu resolver ir a uma boate, tudo bem. Eu entro, fico por lá normalmente. Passa um tempinho, o garçon vem e solicita-me os documentos. Bom, eu não vou ficar carregando toda a minha documentação nas noites pelas quais me divirto. Então ele insiste dizendo ser normas da casa, a apresentação de documentos. Se caso eu me irritar e levantar a voz, logo ele me convida para sair do local.

Pena que a cultura negra é tão desprestigiada e a história não a reconheça como sendo do negro. Praticamente ninguém sabe que o Rock tem raízes negras, bem como o balé e o tango. Os negros revoltados com a escravização no Brasil, fugiam para a Argentina, dessa forma, fêz surgir o tango argentino. São manifestações artísticas reconhecidas no mundo, mas não reconhecidas como sendo originárias do negro.

Tudo faz parte de um povo que é hoje, seguramente 70% da população brasileira, apesar dos dados oficiais a darem como sendo menos da metade da população. Estes 70% são os que herdaram do passado, a senzala, a favela, enquanto que os brancos herdaram a casa grande. Vocês, os brancos, constroem casas enormes, o negro não tem condições para isso. "

" Eu trabalho bastante em meu emprego no Laboratório Labormed. Tenho uma companheira que é branca. Durante a tarde, ela praticamente não faz nada e eu andando de lá para cá fazendo muitas coisas.

Outro dia, o patrão anunciou que daria um aumento, porém somente para ela. Eu não entendi e reivindiquei também pra mim o aumento. Foi em vão. Aumento segundo ele, só para minha colega. Mas por que não terei aumento? O argumento foi que ela era mais velha de casa que eu. Tão mais velha, pensei, apenas um mês antes de mim ela entrou no laboratório. Falei-lhe sobre tão pouca diferença. Veio outra argumentação: ela tem mais experiência, trabalhou sete anos em outro local.

A situação me abalou muito. Cheguei em casa e chorei muito, refletindo sobre a discriminação que eu sofri. Aquilo me feriu muito.

Esta é uma realidade no nosso país, nós somos discriminados no trabalho. A idéia que se tem do negro é que ele serve pra ser pedreiro, trabalhar no pesado. Pode ter certeza, de toda negra que trabalha por aí, todas e elas já foram empregadas domésticas um dia.

O branco quando arruma alguém pra trabalhar como pedreiro, caso tenha que optar entre um branco e um negro, certamente escolhe o negro, já sabendo que ele vende o seu trabalho bem mais barato que o branco.

Eu fico assistindo televisão e pensando: puxa, tanto ator que as vezes nem se sai bem no papel e tanto ator negro bom por aí. Mas não, só lhes arrumam papéis secundários e de empregados.

O pessoal fala muito do Black Chic, apontam-no como sendo suspeito. Acontece que as pessoas vão ao Praia, que é bom e ninguém comenta a baixa-ria que acontece por lá. Já com o Black Chic, as pessoas ficam assim... Eu assumo, eu vou lá mesmo. Lá dentro eu me sinto bem, eu me sinto gente. É bom ver os negrinhos e as negrinhas felizes e se divertindo e dançando.

Aqui em Uberlândia, no local onde hoje é o Banco de Crédito Nacional - o BCN, funcionava o Cine Para Todos. Para entrar nele, só branco, e branco bem vestido. O porteiro regulava a entrada, a roupa devia ser a rigor, incluindo até gravata.

No ano passado, a Escola de Samba do Bolo, no carnaval, foi duramente reprimida. A polícia baixou lá e deu o maior pau. Foi como se lá estivesse o mal, a subversão que deveria ser extinguida pela polícia.

Os negros gostam de ser unidos. Aqui no Bairro Brasil, tem um monte de

casas de uma mesma família, a do Sr. Sebastião Moreira. Aqui para baixo do Bairro Bom Jesus, existem as casas do Chatão, onde a família inteira foi se agrupando.

Em nossos encontros do "Consciência Negra" já fizemos discussões mais longas. Certa vez, tivemos um sobre "Religiosidade e Cultura Negras" dado por seminaristas. Em outra ocasião nos reunimos em Araguari. A Irmã Raimunda que esteve na África, passou-nos muitas informações sobre a vida dos negros lá. Contou vários de seus costumes. Emocionei-me com as rodas feitas pelos africanos em torno de uma figura que simboliza o pai. Diariamente ele conta histórias para as pessoas em sua volta.

A missa por lá é celebrada com uma toalha no chão. A celebração nossa nos envolve inteiramente. Não celebramos aquele tipo de missa nos padrões brancos, onde o padre conversa com Deus e os fiéis ouvem suas preces e as respondem. Celebramos a missa com o corpo inteiro, juntamente com o espírito. Cantamos a missa inteira e nos expressamos através do corpo que dança.

Compreendi que nossa cultura é muita vasta. Passamos a ver com outros olhos o Candomblé, por exemplo, algo do qual tínhamos medo e sempre associamos ele com coisa ruim.

A Campanha da Fraternidade de 1990 envolve o tema sobre a mulher. Estamos empenhados em conseguir inserir nela, um parêntese sobre a mulher Negra. A Mulher Negra sofre muito. Se o homem branco é explorado pelo sistema que aí está, a mulher branca também o é, o homem negro é mais ainda e, a mulher negra, coitadinha, é super-explorada. Para ela, sobra o pior. No capitalismo, o branco também é um escravo, só um escravo, porque o negro é um escravo ao quadrado.

O tema da Campanha da Fraternidade de 1988 abordou o tema do negro, pudemos perceber naquela época que alguns padres negros, não de características marcantes, não se assumem como negros. Lembro-me que um deles durante a missa, batia no peito dizendo: nós, brancos, através dessa campanha sobre vocês, os negros.

O branco tem dificuldades em lidar com a questão negra. As pessoas têm medo de me chamarem de negra lá no meu trabalho. Me chamam assim, ei, você, a morena, a moça. Logo eu lhes falo, podem dizer, ora, sou negra mesmo. "

" Sou diretora do Sindicato do Vestuário. Ele abrange pessoas envolvidas na produção de calçados e confecções. É nesse setor que está grande parte de mão-de-obra negra. Aí se emprega mais o negro, pois eles realizam o serviço escondido, sem ter contato com os frequentes. Sabemos que o negro não consegue empregos em locais onde lida com o público. A sua entrada em empresas se dá mais naqueles locais em que ele tem acesso através de cursos. No momento se mede apenas o conhecimento, todos entram em pé de igualdade, não se conhece as caras, apenas a capacidade intelectual é medida.

Eu me sinto em uma situação meio difícil. É evidente que sendo eu, uma negra, convivendo com tantas pessoas, não posso ficar mandando, porque logo julgam que estou querendo aparecer.

Eu trabalho mais nas fábricas, no contato com o pessoal. Já as funcionárias do sindicato, que são brancas, não. Eu não posso ir além, senão o pessoal fica meio assim...

O meu pai, Sabino José dos Santos, hoje com 70 anos, contou-nos muito sobre o negro em Uberlândia. Conforme ele, aqui houve muitos quilombos, os quais os homens do poder deram um jeito de desaparecer com eles. Eles foram destruídos todos. Ele se recorda do "vai-e-vem" que as pessoas faziam na Praça Tubal Vilela. O "vai-e-vem" incluía a separação das pessoas em locais exclusivos na Avenida Afonso Pena. Preto de um lado, branco no outro. E no meio, os policiais para controlarem a situação. Não era necessário, porque ninguém queria passar na área do outro.

Atualmente o que o negro quer e sempre quis, é a mudança da sociedade, tendo em vista a igualdade. Eu tenho aqui comigo uma característica muito própria de minha raça: luto pela liberdade. Para mim o importante na vida é a auto-realização. Quero fugir do esquema social no qual eu vivo, não quero acumular riquezas, apenas quero um pedaço de terra para plantar e colher os frutos de meu trabalho.

A nossa raça tem muito disso, ela é guerreira por natureza. Ela tem um passado de luta. Atualmente ela tem que lutar muito, pesa-lhe saber que tem como lugar na sociedade a constante suspeita por parte dos brancos.

Na sociedade atual todos somos escravos, explorados. Mas com a raça ne

gra a coisa é pior. Nós herdamos a favela. Então quando se fala que os negros são ladrões e marginais, que o índice de criminalidade é maior entre eles, a causa disso, devemos lembrar, é que eles são marginalizados pela sociedade, não têm condições para sobreviverem dignamente, então partem para a criminalidade.

É por isso que temos um comportamento de luta e inconformismo, temos um passado de luta por excelência, um passado diferente do passado do branco, que sempre foi o conquistador, o colonizador.

Nessa luta, almejamos para a sociedade, o socialismo à maneira dos quilombos, que foram uma forma de sociedade socialista. "

"Felizmente aqui em Uberlândia caminhamos para a consciência de que somos uma raça grande e bonita, a raça negra. Quando agente morava em Goiás, em Quirinópolis, nós não a tínhamos, talvez porque lá moram poucos negros.

A questão negra está presente e com força. Somos uma raça que contribuiu tanto na construção desse país. Falar nela é falar em religiosidade também, porque ela sempre esteve ligada às suas origens religiosas.

Esse negócio aí da Igreja Católica ter promovido uma Campanha da Fraternidade em 88, isso prá mim, é balela. Vieram com a história de resgatar uma dívida para com o negro, diminuir o pecado da escravidão, não adianta nada em termos de recuperar o que foi feito. De nada adianta ficar falando e não fazer nada de concreto. Se a Igreja partisse para uma distribuição de seus bens, que não são poucos, tudo bem, seria uma forma concreta. Fica-se somente nas palavras, não tem como pagar à nossa raça, os prejuízos gerados pela escravidão e pela discriminação, pelas quais passamos. Logo, aquela campanha foi uma forma de abrir a botija que estava muito cheia, deixar a coisa refrescar um pouco.

Ser negro no Brasil é estar em constante dilema. Até mesmo os escritores sofreram influência da ideologia produzida por alguns. Machado de Assis, filho de uma negra, fez uma literatura toda constituída de valores brancos. Todos os padrões de comportamento de seus personagens eram padrões de comportamento brancos. Ele não tomou questões negras em suas obras, pode-se perceber no autor, um total embranquecimento. Tem-se outro escritor que fugiu disso e retratou o negro em suas obras, porém não me lembro.

Então, diante do dilema do negro em viver em uma sociedade branca, muitos negam seus valores, rejeitam as suas características. Não falam alto, não participam de batuques, eles se enquadram dentro dos padrões estabelecidos. Na verdade, as empresas mesmo exigem do negro, que ele tenha todo o comportamento branco, aquele procedimento bem comedido, sem dar lugar à alegria, ao espontaneísmo. Perto de minha casa, tenho uma amiga, inclusive ela é universitária, está expresso em seu rosto a sua negritude, no entanto, outro dia ela se referiu "aos negros", como se ela não o fosse. Até me espantei, pois vindo de quem veio, alguém da qual se pressupõe certa cultura.

No local onde eu trabalho, na Minascaixa, somos uns nove negros, umas duas pessoas estão ligadas aos serviços de faxina. Eu fico observando, entraram uns trinta estagiários para trabalharem, deles, não há nenhum negro. Eles passam por um processo de contato com o empregador.

Aconteceu algo curioso. O chefe da seção onde trabalho, saiu de férias. Fiz a substituição. A seção fica do lado da rua. Geralmente os caminhões da polícia se reúnem naquele local em frente à Minascaixa. Eu continuava um tempo a mais após o expediente. Eu permanecia sozinho no local até mais tarde um pouco. Isso gerava, nos primeiros dias, uma estranheza para os policiais, ficavam olhando desconfiados para mim. O fato se repetiu por alguns dias, até que se acostumaram com a idéia de que eu realmente trabalhava ali.

Na cidade, existe aquela boite perto do Pedal, não sei se chama Visa - ge, que dificulta a entrada de negros. Por incrível que pareça, o porteiro é um negro, que não aceita a entrada de negros.

Na época do carnaval, ano passado, a repressão foi muito dura em cima das escolas de samba. No dia do desfile na Avenida João Naves de Ávila, Eduardo Elias, engajado na causa do negro, subiu no palanque armado na Avenida e expôs a situação, denunciando a discriminação e a repressão exercida sobre o negro. Foi também distribuído uma nota de protesto.

Não deu outra. No dia seguinte, o comandante da PM, eu não me lembro o seu nome, um antes do Lagares, que a comanda atualmente, veio em público esclarecer a situação, alegando que a preocupação da polícia era com elementos subversivos.

Eu considero muito bom a existência de movimentos negros aqui em Uberlândia. Tempos atrás a televisão soltou um comercial onde a "ABC Carnes" mostrava o abate clandestino de animais e enaltecia o produto fiscalizado que ela comercializa. O homem que matava com toda a crueldade uma vaca, era um negro. O narrador enfatizava a crueldade, a selvageria com que aquele homem liquidava com a vida do animal. Nisso o seu avental se sujava todo de sangue, pintando a cena de barbaridade.

Agente notava a associação entre o negro e o que não é bom, ao que é selvagem e cruel. Através da atuação do MONUVA, o comercial foi tirado do ar e totalmente refeito com outras pessoas.

Para mim, o ponta-pé inicial para encarar o problema racial é que todos, brancos e negros se conscientizem e admitam a sua existência. O branco

co deve admitir que tem preconceitos com o negro. Hoje, os melhores amigos' que eu tenho, são aqueles que um dia se convenceram que são preconceituos. A partir disso, podemos encarar o problema e questioná-lo.

Já me disseram que abolindo o sistema capitalista, a situação se modifica. Puro engano, o negro é historicamente explorado, tudo que aí está se relaciona a toda uma ideologia construída para segregá-lo, está na mente das pessoas.

'É muito real a fala de um professor que já tive, o Professor Wenceslaw. Ele dizia que prisão foi feita para os três pés da vida: "Pobre-Prostituta e Preto."

Eu pensava muito naquilo. Se bem que muitos colegas até estranhavam a quelas palavras do Professor Wenceslaw."

Nos encontros que tivemos com os negros, logo percebemos que não era necessário lançarmos perguntas. A discussão nascia entre eles e, as questões importantes dentro da problemática do negro no Brasil, especialmente em U-berlândia, iam surgindo.

Suas falas são emocionadas, produzem grande efeito em quem as ouve. Ela nos passam calor, energia e emoção. Transmitem uma garra muito grande em lutar. Uma pequena frase carrega muita emoção. Percebe-se segurança, serenidade, mas tudo é permeado pela revolta com a situação do negro. Acima de tudo, entendemos que a luta empreendida é justa e necessária.

Nairdes dizia que se preocupa com aqueles casos em que o negro sobe, consegue certo status e se esquece de sua luta, não se lembra de batalhar por sua causa. Pelo contrário, ele passa a pertencer a outra realidade, incorporando outros valores.

Irmã Emília dizia que, recentemente alguém lhe afirmou ser besteira a atuação deles no movimento negro e que na verdade eles estavam pretendendo uma confrontação. O homem garantia que não há racismo no Brasil, sendo, portanto, desnecessário haver movimentos daquele tipo. Palpitante, ela respondeu-lhe que discordava, pois a pessoa que há dentro dela, dentro daquela pele, conhece o problema do racismo.

Em todos os depoimentos há a preocupação com os casos em que o negro ascende socialmente e perde a sua identidade de negro. Joel Rufino diz que um mulato claro tem mais facilidade para ascender na escala social do que o negro puro. O negro que sobe perde a sua identidade cultural. A classe média é a primeira a renegar a sua origem para adotar os padrões do branco.

Emília, Nairdes e Wagner mostram-nos situações onde o negro, pressionado pela ideologia dominante, com suas expectativas brancas, tende a abandonar os seus valores e adotar padrões de comportamento brancos. Emília e Sislene apontam o caso dos religiosos que batiam no peito e se excluía da raça negra, pois se referiam "aos negros", excluindo-se dessa raça. O mesmo acontece com a professora da Escola Estadual Segismundo Pereira, que não se assumia como negra.

A situação é preocupante. A pressão ideológica exercida sobre as mentes das pessoas, introjetando-lhes valores, as vezes tão contrários aos de

sua raça. Nairdes fala de alguns negros que nem podem ouvir falar de Conga da, isso nunca passa por eles.

Aparece com muita frequência fatos de discriminação, indicando que essa é uma realidade muito comum na vida do negro em Uberlândia.

Difícilmente um ato de discriminação é claramente configurado como 'racismo, pois em geral o responsável justifica o ato com outras razões. Por exemplo, em março de 88, Vera Lúcia Ferreira ao ser proibida de usar o elevador social do prédio onde trabalha em São Paulo, mesmo estando o elevador de serviço estragado, recebeu do síndico a alegação de que ela não estava uniformizada. O mesmo ocorreu com Emília ao ser barrada no prédio localizado na Praça Tubal Vilela. Ninguém se responsabiliza, não aparecem razões para o fato, visto que é uma forma de racismo declarado, expresso nos regulamentos do prédio e que os funcionários cumprem.

Outra preocupação tida pelos entrevistados diz respeito à existência de tantos estereótipos com relação ao negro. Lendas populares e certas idéias fizeram o negro introjetar em seu inconsciente, a convicção de que pelo fato de serem negros, eles são incompetentes e inferiores. Se por um lado, durante a história, estes estereótipos foram sendo perpetuados, por outro, houve uma relegação da cultura negra a um segundo plano. Raul Lody, o antropólogo brasileiro especialista em religiões afro-brasileiras, debateu em setembro na Casa da Cultura aqui em Uberlândia, sobre esse tema. Ele encontrou em museus e institutos históricos, trançados, esculturas, pinturas e outras representações da cultura negra no Brasil - relegados a segundo plano. Se a cultura negra fosse valorizada na mesma proporção de força com que proliferaram aqueles estereótipos, certamente a raça negra se reconheceria mais como uma raça autêntica e forte, não apenas sujeito passivo da história.

Wagner, inconformado com o passado da raça negra no Brasil, pensa que nada pode resgatar o seu sofrimento. Os negros fizeram tudo pelo Brasil, segundo ele, esta raça fez tudo pelo país. Desde a culinária, a música, o trabalho no setor produtivo, em tudo está o trabalho do negro. O que se pode fazer para recuperar isso? Não é através de uma campanha da Igreja católica que a situação será contornada.

Realmente, o negro só aparece na história como escravo submisso. Chega o 13 de Maio e na escola só se fala dos escravos. Tudo aquilo que o negro trouxe da Mãe-África, seja a cultura, seja o trabalho com que encaminhou o

país ao apogeu industrial - tudo é desprezado.

Emília relatou sobre o passado de sua congregação. Na obra "Eu Negro" Mariza Fagundes comenta sobre a história da vida religiosa no Brasil no período colonial. Nessa época, o direito de professar nos conventos era reservado exclusivamente às mulheres de família rica e de prestígio. Havia regulamentos declarando que as candidatas à vida religiosa deveriam ser brancas. Um dos argumentos usados era que as moças negras eram demasiadamente propensas à luxúria.

Por outro lado, a maioria dos conventos possuía mulheres negras e indígenas como servas para serviços domésticos, chegando alguns a ter até um número de escravas até três vezes maior que o número de religiosas.

A autora cita o caso de uma religiosa (sem citar data) que foi rejeitada por congregações e acolhida por uma que na época mantinha as religiosas divididas em "oblatas" e "coristas". Para as coristas havia muitas exigências, de modo que as negras só poderiam ser oblatas, para cuidar dos serviços domésticos. Mesmo assim, no afã de viver a "causa de Cristo", submetiam-se a tais imposições.

Tanto Sislene quanto Wagner comentaram sobre a repressão exercida sobre as escolas de samba. Corre entre a polícia que todo preto é culpado ou suspeito, até provar em contrário. O negro é impulsivo, ladrão e preguiçoso, tornando-se por isso, facilmente, um ladrão perigoso.

Todos eles se mostraram preocupados com a perda de identidade do negro. Nairdes afirma que certos negros não querem nem passar perto do Congo do, batuque? nem pensar.

É preciso ter claro que temos uma história em que as crianças aprendem desde o primário que a Abolição foi feita pela Princesa Isabel e dada para a raça negra. As lutas dos escravos estão sem registros e tudo o que se sabe está sob a ótica dos senhores brancos. O negro perdeu o direito a ter memória. Ele apenas conhece a história dos "grandes homens", que historicamente exploraram a sua raça. O mesmo acontece com os índios, os operários e os camponeses que não têm direito à memória.

Assim é que desde a infância, o negro passa a rejeitar sua raça e a assumir valores e expectativas brancas. O sujeito negro, possuído pelo ideal do embranquecimento, parte para diminuir o peso de sua cor. Os esforços para curar a "ferida" se manifestam das seguintes formas: "Primeiro tenta-se metamorfosear o corpo presente, atual, de modo penoso e caricato. São

os "pregadores de roupa" destinados a afilar o nariz ou os produtos químicos para alisar o "cabelo ruim". Em seguida, vêm as tentativas de aniquilar, no futuro, o corpo rebelde à mutação, no presente. São as uniões sexuais com o branco e a procriação de filho mulato. O filho mulato e o neto talvez branco representam uma louca vingança, suicida e homicida, contra um corpo e uma "raça" que, obstinadamente, recusam o ideal branco assumido pelo sujeito negro." (01)

Agora que já vimos depoimentos de pessoas brancas e suas idéias tidas em relação ao negro, bem como, por parte deste, o relato de suas experiências, veremos agora, dados coletados no mercado de trabalho de Uberlândia.

Deve-se levar em conta o seguinte:

1º) Os números não são oficiais, isto é, não foram fornecidos pelas empresas. Eles foram coletados por nós, em visitas aos locais;

2º) Não se incluem pessoas afastadas do trabalho, em férias por exemplo, ou ausentes para intervalos de refeições.

Em suma, os números de pessoas empregadas se referem ao momento em que estivemos nos locais ou números fornecidos mais ou menos por funcionários da empresa.

MERCADO DE TRABALHO	FUNCIONÁRIOS	
	BRANCOS	NEGROS
01- Instituições Financeiras		
- Banco do Estado de Minas Gerais S/A	80	04
- Banco do Estado do Paraná	22	01
- Caixa Econômica Federal	241	09
- Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais	60	02
02- Barbearias		
- Barbearia Juscelino Kubtscheck	01	-
- Rio Cabeleireiros	02	-
- Salão Caçula	03	-
- Salão Mineiro	03	-
03- Discos, Fotos e Vídeo		
- A Discolândia, Discos e Fitas	07	-
- Blow-Up, Cine-Foto-Som	04	-
- Jetcolor - Floriano Peixoto	04	-
- Jetcolor - Afonso Pena	06	01
- Master Vídeo	03	01
04- Farmácias		
- Droga Alerta	03	-
- Drogaria Carvalho	03	-
- Drogão	11	-
- Med-Jato Afonso Pena	04	-
05- Feira de Verduras e Vendedores Ambulantes		
- Camelôs Praça Sérgio Pacheco	12	05
- Camelôs Praça Tubal Vilela	15	07
- Feira Livre Av. Mato Grosso (Domingo)	308	65
06- Livrarias e Papelarias		
- Papelaria Globo	13	-
- Papelaria e Livraria Kosmos	09	01
- Livraria Lopes	06	01
- Papelaria Regente	03	02
SUB-TOTAL	822	99

MERCADO DE TRABALHO		FUNCIONÁRIOS	
		BRANCOS	NEGROS
07 -	Supermercados e Lanchonetes		
-	Alô Brasil (caixas)	14	02
-	Center Lanches	04	-
-	Chocolândia	03	-
-	Kolosso (caixas)	15	-
-	Lanches Central	01	01
-	Pão no Forno	03	01
-	Pastelaria Pittzaria PAulistana	04	01
-	Peg-Pag Avenida (caixas)	11	01
-	Sabor de Fruta	02	-
-	Uberlândia (caixas)	10	04
08 -	Tecidos, Confecções e Calçados (Lojas) - Vendas		
-	Beejon Modas	05	-
-	Casablanca	04	01
-	Chic-Sai	05	-
-	Ellus	03	-
-	J. Mahfuz	12	-
-	Hugo Fashion	04	-
-	Maré Mansa	11	02
-	Modalândia	09	-
-	Modelar	15	-
-	Rafine	05	-
-	Rei do Rayon	22	01
-	Ricardo	08	-
-	Rosa Branca	09	-
-	Sabrina	15	07
-	S & E	06	-
-	Thiara	05	01
-	Tubarão dos Tecidos	15	04
-	Onogaz	11	-
-	Flávio's	05	-
-	Cris	08	-
09 -	Ubershopping	155	05
10 -	Oficinas Mecânicas		
-	Brasilcar Mecânica	-	02
-	Auto-Mecânica Escorte	-	04
-	Agro Enges-Comercial de Aços	-	02
TOTAL:		1.221	138

Ao realizarmos a observação da distribuição dos negros no mercado de trabalho, fomos levados a admitir que as barreiras postas à integração do elemento de cor no trabalho, são universais na cidade.

Muitos brancos empregadores declararam que não impõem restrições à admissão de negros, outros afirmaram que a conquista de um emprego, em certos casos, sempre põe em jogo a cor do candidato.

Observamos que poucos negros ou mulatos trabalham em casas comerciais mais importantes. Eles estão geralmente atrás, lá pela cozinha, trabalhando no pesado. O balcão exige "apresentação" o que uma pessoa de cor, conforme os padrões de beleza, não pode ter.

Nas instituições financeiras, os bancos, verificamos a presença de alguns negros, porém, lá estão porque passaram por um processo de admissão que geralmente inclui testes e provas a nível de 2º Grau. Salvo aqueles casos onde um político de prestígio o indica para a função, tornando-se os testes, mera formalidade. Mesmo em uma entrevista que realizamos, a pessoa se referiu a estes casos em que o empregador, aqui uma instituição, não conhece a cara do candidato ao emprego, apenas vê os resultados das provas.

Fomos informados por um funcionário da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais que lá, dentre 60 funcionários, apenas 2 são negros. Para ele, a discriminação do negro no mercado de trabalho em geral, não existe. O negro entra para as empresas desde que passe nos concursos, não interessa a sua cara. Posteriormente, ao entrevistarmos um negro, sem sabermos ser ele um funcionário da Caixa, ficamos sabendo que nela trabalham 9 negros e não apenas 2. |

É verdade que o concurso facilita a entrada do negro no mercado de trabalho, basta ver o número de pessoas negras que trabalham no Banco do Brasil (que também é pequeno, mas se encontra alguns negros). Mas se a empresa que faz concursos não discrimina, o negro já chega neste estágio, peenirado por uma escola que o discrimina, basta ver entrevista feita com irmã Emília.

Verificamos que nas funções em que há um contato direto com o público, em caixas por exemplo, o número de negros é muito pequeno, quase inexistente, quando comparado com o número de brancos na mesma função.

Os negros atuam mais em subempregos, vendedores de salgados, cahorro -

quente, artesanatos, picolés e frutas. Em uma pastelaria encontramos um negro como "fritador de salgados" e em um supermercado, um negro desempenhando a função de açougueiro.

Podemos estabelecer uma graduação da presença negra no mercado de trabalho em Uberlândia: lojas populares, isto é, locais onde o grosso dos clientes se constitui da massa assalariada, dos pobres, o índice de negros trabalhando é maior; em locais onde já aparece um certo aspecto melhor, uma decoraçãozinha mais caprichada, este índice já começa cair consideravelmente; em locais onde pela fachada já podemos qualificá-los como sendo de frequentadores ricos e de poder aquisitivo alto, este índice é nulo. Especificando:

LOJAS SABRINA -	Nº de Vendedoras Verificado: 22
	Nº de Vendedoras Brancas : 15
	Nº de Vendedoras Negras : 07
JETCOLOR -	Nº de Vendedoras Verificado: 07
	Nº de Vendedoras Brancas : 06
	Nº de Vendedoras Negras : 01
Boutique RAFINE =	Nº de Vendedoras Verificado: 05
	Nº de Vendedoras Brancas : 05
	Nº de Vendedoras Negras : 00

Percebemos que dentre o número de pessoas negras empregadas nos diversos locais, uma grande parte tem características branqueadas, ou são mulatas ou são pessoas bonitas, de boa presença conforme os padrões vigentes. Entre elas, a maioria traz o cabelo bem cuidado e pintura bem feita.

Em três locais onde o serviço é pesado e sujo, pudemos verificar a presença do negro. Ao acaso pegamos três oficinas mecânicas. A presença do negro nesses locais nos reforçou a idéia de que os negros se concentram nas atividades menos qualificadas socialmente, são aquelas onde a sujeira aparece, aquela sujeira que acompanha o funcionário até em casa, quando ele tem um trabalhão danado para se limpar.

É aquela história: quando se vê um negro forte, "troncudo" trabalhando como chapa, carregando sacos enormes sob as costas, logo se relaciona o ne-

gro com a sua capacidade física para tal tarefa. Porém, fazer essa relação' nos remete a um resquício do período escravista, em que o negro era a "besta de carga". Assim, hoje se relaciona a sua decantada resistência física à sua competência para as tarefas árduas. Atribui-se-lhe aptidão para os trabalhos físicos, cabendo aos indivíduos brancos os papéis de direção e comando ligados diretamente às atividades intelectuais.

No levantamento feito na cidade podemos constatar que o negro nem o mulato ocupam um espaço compatível com a proporcionalidade do seu número' existente em Uberlândia.

Podemos concluir que o mercado de trabalho discrimina o negro. Empregado e ganhando pouco, ele, assim como outro qualquer trabalhador branco, é um fabricante de mercadorias em potencial. O pagamento que ele recebe dá muito precariamente para alimentar-se, vestir-se, transportar-se. Ele está inserido em um conjunto de relações sociais em que recebe em troca de sua força de trabalho - um míngua salário. Ele é o grande integrante da massa de assalariados que dispõem exclusivamente de sua força de trabalho.

-CONCLUSÃO

Ao realizarmos uma investigação sobre a discriminação do negro em Uberlândia, compreendemos que o negro ainda está preso em toda uma construção ideológica elaborada pela classe dominante durante e depois da escravidão, na qual ele é apresentado enquanto pessoa preguiçosa, desordeira e suspeita. Tal construção visa eliminá-lo do mercado de trabalho.

"Sabe que esse pensamento de rejeição do negro por nós veio sendo passado de geração para geração? Meus avós não os suportavam, a minha mãe também não gostava deles."

Trabalhando em empregos de baixa renda e empregos "Sujos" em Uberlândia, o negro é na maioria das vezes discriminado no mercado de trabalho : "Mas por que não terei o aumento? O argumento foi que ela era mais velha de casa que eu. Tão mais velha, pensei, apenas um mês antes de mim ela entrou no laboratório."

Como consequência da discriminação pela qual ele passa, agravada pela forma com que é abordado pelos meios de comunicação, o negro se sente inferior e tende a rejeitar-se, vendo na pele negra, um intruso, Wagner dizia : "Então, diante do dilema do negro viver em uma sociedade branca, muitos negros negam seus valores, rejeitam as suas características. Não falam alto, não participam de batuque, eles se enquadram dentro dos padrões estabelecidos."

Pudemos refletir sobre a problemática da discriminação racial em Uberlândia, a partir de depoimentos de negros envolvidos no "Movimento de União e Consciência Negra" e também de outras pessoas, brancas, alheias ao movimento.

Entendemos que urge questionarmos todo o esquema social que aí está, suas normas e seus modelos de comportamento. O ponto inicial para empreendermos uma luta, juntamente com os negros, contra a discriminação tanto contra os negros quanto contra o pobre, é, juntos, analisarmos toda a educação que nos foi dada, admitir nossos preconceitos e partir para nos livrarmos deles.

O que estamos fazendo pela discriminação racial, pela discriminação

da mulher, do homem pobre que mora na favela, mas trabalha para sobreviver?

Nós todos estamos hoje em uma briga que é salarial, que é o que conse-
gue tocar a classe trabalhadora para a mobilização. Nós todos, devemos lu-
tar dentro do cotidiano contra a discriminação, pois ela é uma questão na
qual todos temos responsabilidades iguais, todos - brancos, negros, mulatos.
O branco deve lutar também. Ele pode ser menos explorado, mas deve entender
que faz companhia a todos os outros explorados.

Daremo-nos por satisfeitos, caso os prováveis leitores deste trabalho
envolvam-se com os depoimentos feitos por aquelas pessoas, vendo neles, que
a matéria-prima do estudo é a experiência vivida pelo negro.

De todos os depoimentos, podemos articular as experiências dos dois '
lados que envolvem um saber coletivo que esperamos, possam caminhar para
um processo de libertação do negro e do branco das amarras da sociedade a
tual.

BIBLIOGRAFIA

- 01- A BANCA do Destino. Dolores Duran. Reconstrução Técnica com Orquestra e Coro em 16 Canais. Copacabana, São Paulo, 1979
- 02- A CIDADE que Nasceu da Abolição. Revista Flash, Uberlândia, ABC, Abr. 1988
- 03- A CULTURA Material Negra é ainda pouco pesquisada. Correio de Uberlândia. 24 set 1989
- 04- ADVINHE Quem Vem Para Jantar? (FILME) Colúmbia Pictures, Stanley Kramer 1967
- 05- A LEI Aurea (SLIDES) Sono-Viso, Comissão de Padres Religiosos e Negros, Rio de Janeiro.
- 06- A VIDA Renasce da Luta (SLIDES) IBASE e CTPAV, Grupo União e Consciência Negra.
- 07- A VIOLÊNCIA Nossa de Cada Dia. Série: Esta História Eu não Conhecia. Mazza, Belo Horizonte.
- 08- A SUPER Eleição. Revista Flash. Uberlândia, ABC, Ago 1988
- 09- AVENIDA Rondon Pacheco: De Solução a Pesadelo. Revista Flash. Uberlândia, ABC, 04 mar 1988
- 10- BARRETO, Lima. Recordações do Escrivão Isaías Caminha. São Paulo, Brasiliense, 1956.
- 11- BULIMOS, Mas Não Abolimos (SLIDES) Centro Gaúcho de Audiovisuais, Salesianos de D. Bosco, Porto Alegre, 1987
- 12- CABRAL, Nely Y FONTES, Sueli. Atores Negros. Maioria Falante: Um Serviço de Combate ao Racismo e à Discriminação. Rio de Janeiro, Out/Nov 1989
- 13- CAÇA e Pesca, Nenhum Preconceito e Muito Lazer. Correio de Uberlândia, 03 dez 1989
- 14- CAMINHADA da Comunidade Negra (Vídeo) CESEP. Verbo Filmes, Curso de Verão, Campanha da Fraternidade 1988
- 15- CAMPINAS. Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo. Fundo de Assistência à Cultura. Trabalhadores, Escravos-Unibanco Ed. Publ. Graf. Ltda, 1989
- 16- CÃO Branco, Treinado Para Matar. (FILME) Paramount Pictures Corporation, Edgar J. Sherich, 1981

- 17- CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma Introdução À História. Primeiros Vãos, Brasíliaense, 1981
- 18- CASTILHO, Carlos. O Racismo Envergonhado. Cadernos do Terceiro Mundo, 1988
- 19- CHAUI, Marilena. O que é Ideologia. 18 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985
- 20- CLARA'S Herat (FILME) A Warner Communications Company, 1988
- 21- COMERCIANTE é Preso por Racismo. O Estado de São Paulo. 29 nov 1989
- 22- CONSTITUIÇÕES:
Constituição DA República Federativa do Brasil, 18/09/46
Constituição da República Federativa do Brasil, 17/12/69
Constituição da República Federativa do Brasil, 10/88
- 23- CORTES, Betânia. Pesquisa Traça Perfil dos Congadeiros. Correio de Uberlândia, 19 nov 1989
- 24- CULTURA DA Cidade: Órgão Informativo da Secretaria Municipal de Cultura, Uberlândia, Nov 1989
- 25- DEFINIÇÃO de Preto. Contribuição de Márcia Martins Mesquita..
- 26- EXPLOÇÃO de Fúria. Revista Veja, São Paulo, 29 nov 1989
- 27- IANNI, Otávio. Raças e Classes Sociais no Brasil. 3 ed. São Paulo, Brasiliense, 1987
- 28- JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA
Edições: 06 jul 1988, 07 jul 1988, 16 jul 1988, 19 jul 1988, 26 jul 1988, 29 jul 1988, 07 dez 1988
- 29- LIMA, Valdete. Xuxa e a Negritude. Maioria Falante: Um Serviço de Combate ao Racismo e à Discriminação. Rio de Janeiro, Out/Nov 1989
- 30- LITERATURA Comentada. Lima Barreto. Seleção de Textos, notas, estudos biográficos, histórico e exercícios por Antônio Arnoni Prado, São Paulo Abril Educação, 1980
- 31- MALAQUIAS, Terezinha. Busca Constante. 2 ed. São Paulo, Edição da Autora, 1985
- 32- NASCIMENTO, Abdias. O Negro Revoltado. 2 ed, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982
- 33- O DOMINGO. Semanário Litúrgico-Catequético, 26 nov 1989
- 34- OLIVEIRA, Luiz Cláudio Silva. Os Dois Lados da Avenida. Trabalho de Monografia e Pesquisa. Curso de História-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1986

- 35- OLIVEIRA, Luiz Cláudio Silva. Os Movimentos Populares Negros em Uberlândia: Monografia para a Disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-Curso de História , 1987
- 36- O PÃO Nosso de Cada Dia. Revista Flash, Uberlândia, out 1988
- 37- OUVI o Clamor deste Povo. Campanha da Fraternidade 1988, CNBB, Centro de Pastoral Popular, Brasília-DF.
- 38- PIADA Infeliz. Correio de Uberlândia, 13 jan 1990
- 39- QUEIROZ, Maria Isaura de. Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva. Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Universidade de São Paulo, 1983
- 40- QUEIROZ, Suely Robles de. Aspectos Ideológicos da Escravidão. Estudos Econômicos, São Paulo, 1970
- 41- ROCHA, Nininha. APianista Amou Sem Medo... Um Grande Político... E de Peito Aberto... Um Negro! Uberlândia, ABC Sabe, 1987
- 42- RODRIGUES, Nelson. Asfalto Selvagem-Vol III: Engraçadinha: seus Amores e seus Pecados, depois dos 30. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980
- 43- ROSEMBERG, Fúlvia. Instrução, Rendimento, Discriminação Racial e do Gênero. IN: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos do MEC, Brasília , 1984
- 44- SANTOS, Anízio Ferreira (ORG) Eu, Negro: Discriminação Racial no Brasil, Existe? São Paulo, Loyola, 1986
- 45- SANTOS, Joel Rufino dos. O Que é Racismo. São Paulo, Brasiliense, 1988
- 46- SÃO PAULO (estado) Secretaria de Educação. Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros. Salve 13 de Maio? São Paulo, S.E., 1988
- 47- SINGER, Paul Y BRANT, Vinicius Caldeira. (ORG) São Paulo: O Povo Em Movimento, 3 ed. Petrópolis, Vozes, 1982
- 48- SEVERINO, Antônio Joaquim, Metodologia do Trabalho Científico. 12 ed. São Paulo, 1985, Cortez
- 49- SOCIEDADE Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Poderá Viver Para sempre no Paraíso da Terra. 1982
- 50- SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se Negro. Rio de Janeiro, Graal, 1983
- 51- SULINO, Moacy dos Santos. Preto e Branco. Música com Xitãozinho e Xororó Copacabana Som Ind. Com S/A, 1972
- 52- SEMOG, Ele Y ALVES, Velinton. CUT: Os Caminhos do Sindicalismo, Maioria Falante: Um Serviço de Combate ao Racismo e à Discriminação. Rio de Janeiro, Out/Nov. 1989

- 53- TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central. História de Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia Gráfica, 1970
- 54- UBERLANDIA Ilustrada (Revista) Jun 1956, nº 21
- 55- UBERLANDIA, Uma Cidade Com Medo. Revista Flash. Uberlândia, Mai 1989
- 56- UBERLANDIA: 100 Anos-1888, 1988. O Perfil de Uma Cidade Vencedora. ABC Propaganda.
- 57- VENTURA, Adão. A Cor da Pele. 5 ed. Belo Horizonte, Edição do Autor, 1988
- 58- ZUMBI, Raiz da Liberdade (SLIDES) Grupo União e Consciência Negra, IBA-SE, CTPAV, Jun 1983